

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ECONOMIA

Eric Uramoto

**O IMPERIALISMO JAPONÊS NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX:
Suas especificidades políticas e econômicas**

CAMPINAS

2018

Eric Uramoto

O imperialismo japonês nas primeiras décadas do século XX: suas especificidades políticas e econômicas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas, sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Barros Mariutti

Campinas
2018

Agradecimentos

Se estou onde estou, após 5 anos de uma longa luta contra tudo e todos para finalizar esta primeira etapa da minha vida acadêmica, devo a uma única pessoa que nunca desistiu de me apoiar e me incentivar que o caminho da educação é solução: à minha mãe Marina.

Dentro das minhas influências no campo da pesquisa, não posso deixar de agradecer aos quatro anos de orientação e apoio do professor Eduardo Mariutti. Desde meados de 2014, o professor Mariutti sempre me apoiou no sentido de desbravar os perigosos caminhos do tão bem falado, mas (des)conhecido Japão, e o quão interessante seria a imersão em um modelo de capitalismo peculiar, principalmente no que tange o objeto de tão polêmico que nos propusemos a estudar: o imperialismo japonês.

Agradeço também, aos ilustres professores que tive no Instituto de Economia da Unicamp, apesar de serem poucos, nos quais sinto a obrigação em citá-los, uma vez que contribuíram para a formação de excelência e plural dos quais sou muito grato: Alexandre Gori, Ana Lúcia Gonçalves, Bruno de Conti, Daniela Prates, Eduardo Mariutti, Fernando Sarti, Luis Vedovato e Rodrigo Lanna.

Por último, e não menos importante, devo um agradecimento especial à professora Ayako Akamine, do CEL-UNICAMP, na qual devo uma grande parcela dessa monografia e pesquisa sobre o Japão, em virtude do apoio incondicional para a minha ida ao Japão no biênio 2015-16, período este no qual o protótipo deste projeto nasceu.

Agradeço também ao CNPq, pelos diversos financiamentos de pesquisa, no âmbito de Iniciação Científica, nos biênios 2014-15 e 2017-18, que contribuíram muito para que eu pudesse executar os trabalhos sobre o Japão, além do Ministério de Educação, Esportes, Ciências e Tecnologia do Governo do Japão(MEXT) pelo apoio dado em 2015-16, na minha ida à Tóquio, onde pude aprimorar meus estudo no japonês, além de reunir materiais e documentos fundamentais para a elaboração do presente trabalho.

RESUMO

Ao percorrer 1870-1930, contabilizando 60 anos da História do Japão no final do século XIX até o primeiro-quarto do século XX, é possível observar a passagem de um país isolado e fora da sintonia com a política internacional. Desta maneira, partimos da idéia de que dado o isolamento do Japão e a pressão externa para que houvesse a sua integração, o Japão busca defender sua soberania nacional expandindo sua área de influência, focando principalmente na Coréia e posteriormente na Manchúria.

Ao mesmo tempo, que buscavam consolidar a proteção nacional, os *policymakers* japoneses alegavam que seria importante o Japão buscar a modernização se inserindo na produção e exportação de produtos manufaturados, tomando como apoio a importação de produtos-base das regiões adjacentes e de alimentos.

Desta forma, dividimos o nosso trabalho em dois blocos: o primeiro versa sobre as principais transformações no final do século XIX que levaram ao Japão se transformar e, um dos protagonistas da geopolítica na Ásia e no Mundo, passando pela compreensão das causas e consequências dos principais eventos que envolveram a Era Meiji. Na segunda parte do texto, focamos no Japão nas primeiras décadas do século XX, mostrando como se deu a transição da Era Meiji à Era Taisho, além do destaque para a transição para o governo Showa, mostrando os grandes acontecimentos que levaram ao Japão.

Palavras-chave: Japão, imperialismo, Era Meiji(1868-1912), Era Taisho(1912-1926), Era Showa(1926-1989)

ABSTRACT

In 1870-1930, accounting for 60 years of the History of Japan in the late nineteenth century to the first quarter of the twentieth century, it is possible to observe the passage of a country isolated and out of tune with international politics. In this way, we start from the idea that given the isolation of Japan and the external

pressure for its integration, Japan seeks to defend its national sovereignty by expanding its area of influence, focusing mainly on Korea and later Manchuria.

At the same time, seeking to consolidate national protection, Japanese policymakers argued that it would be important for Japan to seek modernization by inserting itself in the production and export of manufactured goods, taking as support the importation of base products from adjacent regions and food.

In this way, we divide our work into two blocks: the first deals with the main transformations at the end of the 19th century that led to Japan becoming one of the protagonists of geopolitics in Asia and in the World, through the understanding of the causes and consequences of events that involved the Meiji Era. In the second part of the text, we focused on Japan in the first decades of the twentieth century, showing how the transition from the Meiji Era to the Taisho Era took place, as well as highlighting the transition to the Showa government, showing the great events that led to Japan.

Keywords: Japan, imperialism, Meiji Period(1868-1912), Taisho Period(1912-1926), Showa Period(1926-1989)

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Exportação e Importação com Coréia em mil ienes	49
Gráfico 2- Exportação e Importação com Taiwan em mil ienes	50
Gráfico 3 - Exportação e Importação com Manchúria em mil ienes	50
Gráfico 4 : Crescimento das exportações em índices reais	51
Gráfico 5 - Preço das ações na <i>Tokyo Stock Exchange</i>	57
Gráfico 6 - Importações em milhões de ienes do Japão	74
Gráfico 7 - Exportações em milhões de ienes do Japão	74

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Gastos militares em 1880-90	21
Tabela 2 : Comércio Japão-Coréia entre 1876 - 1911	23
Tabela 3 : Importação de arroz da Coréia pelo Japão entre 1902-10	24
Tabela 4 - Quantidade de carvão exportada da Manchúria	36
Tabela 5 - Importações nominais de Taiwan, Coréia e Manchúria	52

SUMÁRIO

A. Introdução	9
B. Ponto de partida: o debate sobre o imperialismo no Japão	9
Parte I: A Era Meiji e as transformações na virada do século XIX	13
1. Dimensões do Império do Japão no final do século XIX	13
1.1. Impulsos para o imperialismo japonês	13
1.2. Final do século XIX e os primeiros movimentos imperialistas	17
2. A entrada no século XX: as primeiras colônias e articulações	21
2.1. Introdução	21
2.2. Coréia : Relações políticas e interesses japoneses	22
2.3. Taiwan : Relações políticas e interesses japoneses	31
2.4. Comparação entre os enfoques em Taiwan e Coréia	29
2.5. A articulação dos bancos nas colônias	30
2.6. O imperialismo japonês em conflito	32
Parte II : O Japão no século XX - Rápidas transformações e crise	38
3. O fim da Era Meiji(1868-1911) a passagem para a Era Taisho(1912-24) ..38	
3.1. A transição de uma Era vitoriosa	38
3.2. A “Democracia” Taisho e as rivalidades	39
3.3. A IGG e o Japão	42
3.4. A industrialização e as relações com as colônias.....	50
4. Os anos 20 e início da Era Showa(1925-1989)	56
4.1. Economia nos anos 1920	56
4.2. Política nos anos 1920: da Era Taisho à Showa	68
4.3. O Império japonês: o incidente na Manchúria	71
5. Conclusão	77
6. Referências Bibliográficas	79

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Área de tensão até a Guerra Russo-Japonesa35

A. Introdução

A partir da projeção japonesa como potência imperialista no início do século XX, sem deixar de lado toda construção do Império do Japão que remonta ao final do século XIX, pretende-se investigar as especificidades do imperialismo japonês até meados da década de 1930, seja do ponto de vista econômico - das suas relações com as colônias, seus investimentos, seja do ponto de vista político - da intervenção, das guerras e os interesses estratégicos, e ver se a efetividade dos esforços imperialistas buscaram o crescimento econômico ou não.

O recorte até o período pré-Segunda Guerra Mundial (1939-45) foi designado pelo fato que nesta década, poderemos observar a maturação dos investimentos japoneses nos países invadidos, na qual poderemos enxergar se o Japão beneficiou de forma considerável das colônias apossadas, além de observar o último avanço imperialista pré-Segunda Guerra, ocorrido em 1931 na Manchúria.

B. Ponto de partida: o debate sobre o imperialismo no Japão

Há um imenso debate dentro da academia japonesa acerca do uso da palavra imperialismo para o período que se estende do final do século XIX à 1945. O uso não consensual da terminologia do imperialismo no Japão nos obriga a apresentar a problemática desta questão, mas não será o foco principal da nossa análise.

Adotamos, prioritariamente, a concepção de imperialismo baseado no trabalho do professor William Beasley que destaca no final de sua introdução seus anseios em buscar o caráter do imperialismo japonês, sem deixar de lado as contribuições, principalmente quantitativa do professor Kanji Ishii. Primeiramente, Beasley não acredita em causas únicas para explicações do imperialismo, mesmo que motivações econômicas tenham sido, em última instância, a principal causa do

imperialismo¹. E diferentemente de Ishii (2012), Beasley afirma que não há necessidade de se estudar as ações humanas no caso específico do imperialismo, uma vez que o ser humano, seja agindo em comunidades ou individualmente, sempre tendeu a estabelecer dominação sobre os demais, como podemos ver abaixo:

”What the character of a society, or the international circumstances with which it has to deal, does indeed determine is the timing and direction of the impetus, the degree of its success and failure, the kind of advantages that are sought, the institutions that are shaped to give them durability. That is what I understand by the nature of imperialism. That is what I propose to examine with respect to Japan.”(Beasley, 1987)

Ishii (2012) por sua vez, busca defender a análise do imperialismo pela acumulação de capital, além de criticar a ideia de necessidade estrutural², afirmando que a análise na História Econômica deve ser analisada pela perspectiva da responsabilidade humana - cada um possui uma perspectiva independente de tomada de decisão.

Iremos apontar a problemática e mostrar como os principais autores analisam esta questão, olhando para as seguintes óticas: 1) a visão de Beasley(1987) que escreveu *Japanese Imperialism : 1894 - 1945*, ou seja, um defensor de que o Japão se comportou como uma nação imperialista no período descrito acima, faz uma análise crítica das diversas teorizações acerca do imperialismo, seja da visão clássica de *Hobson* e de *Lênin*, passando pelo debate *Robinson-Gallagher* do *Imperialism of Free Trade* ; 2) a visão da academia norte-americana de Peter Duus, que possui diversos escritos sobre o imperialismo, mas prefere denominar o imperialismo apenas na Era Meiji(1868-1912) ; 3) a visão de *Kanji Ishii* da *The University of Tokyo*, que debate questões deixada de lado em estudos realizados

¹ O objetivo do presente trabalho não é a ponderação de qual visão deve ser predominante ao se analisar o ponto de vista que será tomado para se analisar o imperialismo no Japão. É interessante destacar que o professor Beasley e o professor Ishii não são debatedores diretos, mas compartilham de argumentos, com exceção deste apresentado, que se tangenciam e que podem ser complementares para uma compreensão mais robusta do imperialismo japonês.

² Do japonês, 構造的必然性 - kouzouteki hitsuzensei, a necessidade estrutural é um conceito próximo do marxismo que traz um debate enorme dentro do próprio marxismo, é a idéia de se deixar de lado (em segundo plano) a análise das ações individuais, na qual se aproxima da crítica de Beasley(1987)

nos anos 1960 por professores da *Toudai*³, principalmetne por *Yamada Moritaro*⁴ e *Oishi Kaichiro*. Ishii(2012) defende a ideia de que o *nihon teikokushugi*, ou imperialismo japonês deve ser entendido de forma a não ser interpretada como sinônimo de teikoku nihon - referindo-se ao Japão Imperial(1889-1947)⁵, mas sim como um elemento ou característica do Império do Japão.

Parte I: A Era Meiji e as transformações na virada do século XIX

Capítulo 1 - . Dimensões do imperialismo japonês no final do século XIX

1.1.1. Impulsos para o imperialismo japonês

Duus (1995) em seu clássico texto “*The Origins of Meiji Imperialism*” que foi incorporado ao livro que trabalha com o imperialismo na Coréia indica quatro grandes motivos para o impulso⁶ ao imperialismo japonês : a) a busca por *status*, primeiramente, ao seu redor mais próximo, como será destacado nas dominações das ilhas *Ryukyu* em meados de 1870, como pelo avanço do século XIX, já na Coréia e em Taiwan; b) estratégia "ansiosa", na qual a estratégia japonesa era ter um domínio sobre regiões adjacentes, principalmente, Coréia e China, dado o movimento de expansão das potências europeias, mantendo o que Yamagata Aritomo⁷ dizia ser o cordão de soberania e de interesses⁸; c) entrada no circuito da economia mundial, ou seja, ao mesmo tempo que o Japão teve que se abrir para o comércio internacional para conseguir matérias-primas voltadas para a proteção

³ Toudai é a forma como a mais prestigiosa universidade do Japão, a The University of Tokyo é conhecida no Japão (東京大学: Tokyo Daigaku em que se abrevia por 東大: toudai)

⁴ O professor Yamada foi orientador de Ishii na *The University of Tokyo*.

⁵O uso do Império do Japão(1868-1945) como um fenômeno que engloba todas as ações japonesas com ou sem violência é uma tendência em diversos livros e artigos, seja na academia norte-americana como japonesa. O que se argumenta, em concordância com Ishii(2012) é que um não exclui o outro, ou seja, o imperialismo é um fenômeno dentro do Império do Japão.

⁶ Como será destacado, o debate sobre o início e a consolidação do imperialismo japonês é vasto e possui inúmeras interpretações. Neste ponto, queremos destacar os impulsos para o movimento expansionista.

⁷ Yamagata Aritomo(1838-1922) não é um autor que fizemos referência, mas sim, um líder político e militar japonês na Era Meiji que influenciou muitas decisões do governo imperil do final do século XIX.

⁸ A prerrogativa de Aritomo era de que para manter essa soberania japonesa era preciso tomar um passo a frente, ou seja, antecipar a ação das potências européias e tomar as regiões que poderiam ser base para um possível ímpeto de ataque ao arquipélago japonês.

nacional e para propiciar seu desenvolvimento industrial, precisou continuar como exportadora de produtos primários como chá e seda levando a balança comercial japonesa para *déficits* correntes. Por isso, na década de 1890, os *policymakers* japoneses viram a necessidade de se criar um Japão exportador de manufaturados, e essa transformação passava pela busca de mercados e de áreas que pudessem oferecer matérias-primas da indústria pesada.

Este caráter, segundo Duus (1995) não obrigou o Japão buscar colônias, mas reforça o caráter da "estratégia ansiosa" induzida pela potências europeias. E por fim, d) as oportunidades de expansão, e neste ponto, Duus (1995) destaca a habilidade do Japão, pois conseguiu se mostrar um país menos vulnerável para ser invadido, e assim, conseguiu manter sua independência. E ao mesmo tempo, enquanto que seu vizinho e até então grande potência asiática, China, tinha seu império milenar se esfacelando frente ao expansionismo imperialista britânico⁹, que de certa forma, mostrou ao mundo, as fragilidades do Império chinês, e assim, abrindo um leque de possibilidades para o Japão buscar influenciar certas áreas estratégicas, como a Coréia, que tinha um estreito vínculo com o Império chinês.

O ponto principal é que a busca de segurança exigiu o reconhecimento e o respeito de outras nações com o Japão e assim a busca por dominação e aquisição territorial foi um dos resultados dessa necessidade. Do mesmo modo, a questão econômica existe, e Benson e Matsumura (2001) apontam:

"(...) é uma ironia da história japonesa que um país que se industrializou para se libertar da ameaça das incursões ocidentais, descobriu que a industrialização gerava seu próprio processo de pressão para expansão rumo ao exterior."(Benson e Matsumura, 2001)

Nessa passagem, os autores ilustram uma especificidade e uma ironia das políticas japonesa: usar da mesma estratégia que lhes foram impostos: explorar para não ser explorado. Assim, podemos observar que o estabelecimento de um

⁹ Duus(1995) nos mostra uma dimensão da influência que até então a China possuía sobre os demais países asiáticos, principalmente, o Japão, na qual, a derrota chinesa para Inglaterra nas Guerras do Ópio levou não só a um descrédito político, mas cultural, por parte dos *shoguns* japoneses, que muito trouxeram e absorveram da cultura chinesa, dada sua hegemonia por séculos na Ásia.

império japonês e do seu caráter imperialista está bastante relacionado com o aumento do interesse das potências ocidentais na Ásia. Os principais líderes da modernização japonesa no final do século XIX, e posteriormente, primeiro ministro Yamagata Aritomo afirmava que seria necessário um “cordão da segurança” para que o Japão pudesse se proteger da possível intervenção externa, e assim, um dos princípios da busca por um avanço externo se

Ishii(2012), por sua vez, afirma ser necessário uma análise dos impulsos do imperialismo, à partir de 1853, com a chegada do Comandante Perry ao Japão, em que as primeiras questões relacionadas à segurança nacional e os primeiros tratados desiguais começaram a ser sugeridos à força para ao Japão e a demais países asiáticos.

Sawai (2015) em um livro em parceria com o professor Hori da *Kyoto University*, vai adiante e mostra um ponto interessante de como o Japão rapidamente observa o movimento imperialista e o adota:

“Desde que o Japão foi forçado a concluir tratados desiguais com poderes ocidentais, em meados do século XIX, a revisão do tratado foi um das mais importantes objetivos para o governo nacionalista Meiji. Por outro lado, o Japão emulou (as ações das) potências ocidentais quando forçou a Coreia a ratificar o Tratado de Amizade desigual (Tratado de Ganghwa) japonês-coreano em 1876.”(Sawai, 2015)¹⁰

Assim, podemos observar que o Japão buscou como uma de suas principais metas no pós-Revolução Meiji a revisão dos Tratados desiguais, de modo que posteriormente, este buscou executar da mesma forma como foi feito contra si para com a Coréia e posteriormente na China.

1.1.1 - Segurança nacional

Benson e Matsumura (2001), com base em Howe (1996), afirmam que

¹⁰ Tradução minha de Sawai(2015)

alguns líderes empresariais do governo Meiji tendiam a compartilhar uma crença comum na importância econômica e potencial do continente asiático, abrindo caminho para uma interpretação do imperialismo não apenas com foco na segurança nacional, mas usando esse pretexto para expandir as fronteiras do Japão.

Logo após a Restauração, os líderes do governo Meiji procuravam a consolidação das fronteiras sólidas: 1) trazendo em 1870, Okinawa e Ilhas de Ryukyu, sob a jurisdição e proteção do estado japonês; 2) concluindo o problema no norte de Hokkaido cedendo a ilha de Sakhalin para a Rússia e retendo as ilhas Kurils.

Benson e Matsumura (2001) afirmam que o novo regime começou a olhar para o continente - mais do que apenas uma questão de segurança, a política interna e a política externa estavam entrelaçadas.

O Tratado de Kanghwa¹¹ resultou do plano intitulado *Un'yō*, tinha como objetivo fazer com que o Japão aumentasse seu poder de influência antes que uma potência europeia. Em 1876, um navio japonês passou por áreas coreanas sem permissão e foi atacado. O Japão revidou e atacou alguns portos coreanos e empregou assim, a diplomacia das canhoneiras para forçar a Coreia a assinar o Tratado. O Tratado versava sobre possíveis vantagens econômicas que o Japão almejava: acesso aos portos coreanos, que estavam fechados para comércio externo, assim como os portos japoneses estavam antes de 1853. Os comerciantes japoneses aumentaram consideravelmente suas exportações, primeiramente, revendendo produtos europeus que eram importados pelos japoneses, além de importar grandes quantidades de grãos de soja e arroz, e assim 90% das exportações coreanas acabaram sendo destinadas ao Japão.

1.1.2 - Industrialização e a rápida entrada no circuito industrial

1.1.2.1 - A industrialização japonesa à la mode Segunda

¹¹ Duus(1995) afirma que o Tratado de Kanghwa ou Tratado de Amizade Japão-Coreia ocorreu em 1876, e buscou diminuir a influência chinesa sobre a Coreia. Entretanto, o tratado acabaria por ser o primeiro de muitos tratados desiguais assinados pela Coreia, dando direitos extraterritoriais aos cidadãos japoneses na Coreia e forçou o governo coreano a abrir 3 portos para o Japão, especificamente Busan, Incheon e Wonsan.

Revolução Industrial

Para compreendermos o movimento de busca de mercados e colônias, devemos necessariamente passar pelo entendimento do caráter da industrialização japonesa no final do século XIX, sendo um dos empreendimentos prioritários pelo governo Meiji.

Gordon(2004) afirma que o governo Meiji buscou viabilizar uma infraestrutura do capital industrial nas década subseqüentes a 1880, assentado em três pilares-chave: a) incentivo às ferrovias, dentro e fora do Japão; b) um novo código de leis comerciais; c) bancos especializados em prover crédito de longo prazo para as indústrias.

A industrialização foi liderada pela indústria têxtil, em que de 1890 a 1913, as saídas de seda quase que quadruplicaram. Gordon (2004) evidencia o real objetivo da ênfase dada a indústria têxtil: a exportação e o destino aos países, que à época, não eram colônias, mas estavam sob o espectro de influência japonês. Além disso, temos um aumento considerável da indústria mineral, que cresceu cerca de 700% de 1876 a 1896¹².

“Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, cerca de três quartos da produção de seda eram exportados a cada ano. A produção de fios de algodão aumentou a taxas semelhantes. A produção mecanizada também substituiu a fiação manual. E cerca de metade da produção de algodão foi exportada, principalmente para a China e a Coréia (Gordon, 2004)¹³”

Destaca-se, a importância da revolução nos transportes como um grande apoio às novas indústrias, principalmente das ferrovias, em que Gordon(2004) afirma que a construção do sistema ferroviário foi uma façanha técnica formidável em um país montanhoso. Soma-se a isso, um boom no investimento privado da estrada de ferro na década de 1880 provocou um boom mais generalizado da companhia confidencial. Entre 1886 e 1892, os investidores privados estabeleceram catorze companhias ferroviárias novas.

¹² Diferentemente do que se imagina, nos dois polos geográficos do Japão, havia exploração de carvão, ao sul, em Kyushu, e ao norte, em Hokkaido.

¹³ Tradução minha de Gordon(2003).

Gordon (2004) destaca a primeira crise financeira moderna em 1890 no Japão, em que este sofreu com as consequências: o mercado de ações caiu e muitas empresas especulativas insípidas foram à falência, mas o boom também teve algum impacto duradouro no que diz respeito às empresas privadas do setor ferroviário. Na seguinte passagem, Gordon (2004) destaca o principal motivo da manutenção do boom japonês, mesmo com a eclosão da crise financeira de 1890:

“A característica mais distintiva do sistema emergente do capitalismo japonês foi o papel central desempenhado pelos monopólios, que mais tarde veio a ser chamado *zaibatsu*. Vários dos *zaibatsu* (...) tinham raízes em casas comerciais que datam da era Tokugawa. Outros, incluindo o famoso *zaibatsu Mitsubishi*, foram fundados a partir do zero por empresários na era Meiji. (Gordon, 2004)^{14..}

Nesse trecho, Gordon (2004) destaca que o papel central desempenhado pelos monopólios, que mais tarde se chamou *zaibatsu*¹⁵ deve ser considerado. Vários dos *zaibatsus* - mais notavelmente Mitsui e Sumitomo - tinham raízes em casas comerciais que datam da era Tokugawa¹⁶. Além disso, o conhecido *zaibatsu* da Mitsubishi, foi fundado por empresários na era Meiji. Seus fundadores exploraram estreitos vínculos o governo e vínculos estratégicos entre indústrias-chave para fundar seus negócios poderosos.

Para pensar na rápida modernização dos *zaibatsus* devemos necessariamente remontar ao papel proativo do Estado, que segundo Gordon(2004) foi outro fator importante. O Estado japonês construiu e fomentou uma infra-estrutura econômica criando uma base para o *zaibatsu* adiantado nas décadas de 1870 e 1880. Nos anos seguintes, o Estado assumiu a liderança na promoção e no desenvolvimento de indústrias de alta tecnologia intensivas em capital.

Ao mesmo tempo, o governo utilizou seus fundos governamentais para

¹⁴ Tradução minha de Gordon(2003)

¹⁵ *zaibatsu* pode ser traduzido como "clique financeiro", ou seja, refere-se a conglomerados de negócios industriais e financeiros no Império do Japão, cuja influência e tamanho permitiram o controle de partes significativas da economia japonesa da Era Meiji a Segunda Grande Guerra.

¹⁶ Era *Tokugawa*(1603-1868) foi o período da História do Japão que precedeu a Era Meiji, em que o Japão foi controlado pelos shogunatos, que se destaca o grande isolacionismo japonês por volta de mais de 200 anos.

fundar a 1) fábrica de ferro e aço *Yahata* em 1896 ; 2) subsidiar a indústria naval, bem como fabricantes privados na fabricação de máquinas, engenharia e construção naval, lembrando que este período consiste nos primeiros embates imperialistas do Japão.

1.2 - Final do século XIX e os primeiros movimentos imperialistas

1.2.1 - Movimento geral e o início da problemática com a Coréia

No final do século XIX, o Japão adquiriu do Ocidente uma quantidade significativa de máquinas, locomotivas, máquina de fiação, e aço para poder desenvolver a sua indústria pesada. No período das Guerras Sino-Japonesa e Russo-Japonesa, o Japão importou instrumentos bélicos da Europa e dos Estados Unidos, que se mantinham como o segundo maior parceiro comercial japonês, exportando aço, maquinários pesados e algodão cru. Na Ásia, o maior parceiro comercial japonês era a China, e o comércio se caracterizava pela exportação para a China de manufaturados de ferro, cobre e importação de soja e farinha de soja. O Japão não foi bem-sucedido em entrar em colônias europeias na Ásia, mas conseguiu estabelecer um comércio com a Índia.

Podemos destacar o grande debate em torno do estopim oficial do imperialismo japonês, em que há um debate sobre o final do século XIX, em que alguns historiadores afirmam que o Japão se tornou uma potência imperialista ao derrotar a China na Guerra Sino-Japonesa¹⁷ em 1895 e recebendo como indenização de guerra: Taiwan, sua primeira colônia, e outros historiadores afirmam que a projeção só se dá com a vitória na Guerra Russo-Japonesa¹⁸ em 1905. No próximo capítulo trataremos isoladamente de cada uma das guerras e de suas consequências para o Império japonês.

A Coréia foi a primeira a ser incluída na lista de influência do Japão. A estreita relação com a dinastia *Qing* da China não preocupava o governo Meiji em

¹⁷ A Primeira Guerra Sino-Japonesa ocorreu entre 1894-95 entre o Império Qing da China e o Império do Japão em decorrência de atritos de influência ocorridos na Coréia. A vitória japonesa é vista por alguns como o início da projeção imperialista japonesa, visto que uma das indenizações de guerra foi o recebimento da ilha de Formosa(Taiwan).

¹⁸ A Guerra Russo-Japonesa foi travada entre o Império Russo e o Império do Japão sobre as ambições imperiais rivais na Manchúria e na Coréia. A vitória japonesa traz muitas consequências: esfacelamento do czarismo, projeção do Japão como potência asiática, domínio completo sobre a Coréia e aumento da influência sobre o sul da Manchúria.

umentar sua influência econômica e política na Coréia. O Japão tentou defender a independência da Coréia, mas os oligarcas japoneses estavam receosos em lutar contra a China e, em 1885, a China e o Japão assinaram uma convenção de retirada de tropas da Coréia, e concordaram em notar se alguma intervenção¹⁹ ocorre. Duus começa falando do debate que ocorreu no final do século 19 sobre a relação entre a expansão do comércio e a política expansionista japonesa. Para o autor, a maioria dos autores japoneses trabalham com a ideia de que foi necessária uma demonstração de força para que o Japão pudesse conseguir privilégios na Península Coreana. E quando as autoridades locais tentavam deter o avanço japonês, os *policymakers* não mediam esforços e enviavam navios de guerra e oficiais para deter os protestos.

1.3.2 - A formação do Exército e as suas influências

Antes de entrarmos nos conflitos propriamente ditos, julgamos ser pertinente mostrar como foi a formação do Exército moderno no Japão, uma vez que a série de vitórias japonesas contra a China *Qing* e contra o Império Russo não vieram do automaticamente.

Vale destacar que o governo Meiji buscou fazer reformas, segundo Beasley (1989) sob o slogan "riqueza e força", compilando diversos atributos do Ocidente, principalmente buscando impor os tratados desiguais, que outrora fora imposto ao Japão, além de buscar conhecimento militares e bélicos modernos na França e na Alemanha. Beasley (1989) afirma que a estrutura política centrada no Imperador deu legitimidade às ações planejadas no plano público e social, enquanto que a burocracia política continuava nas mãos dos antigos burocratas do pré-Revolução Meiji²⁰.

Em 1873, posterior a Revolução e, portanto, já possuindo um caráter modernizador, o governo Meiji decide haver a necessidade se de conceber um

19

Posteriormente, a falta de um consenso levará ao embate de 1894-95.

²⁰A Constituição de 1889 reconheceu a descendência divina do Imperador. Beasley(1989) descreve que escritos revelaram como o caracterizaram à época: um monarca confucionista, benevolente e profundamente preocupado com o comportamento moral de seu povo, em que seu foco era na unidade nacional, sendo a personificação da tradição.

Exército moderno, dado o contexto do imperialismo europeu e norte-americano, na qual este não deveria ser composto por *samurais*. Uma expedição francesa foi conduzida para treinar oficiais e militares, mas estes enfrentaram dificuldades frente a tradição dos oficiais japoneses. Assim, a partir de 1878, buscou-se estruturar um Exército que estivesse apto a atuar em território nacional e externo, e assim, houve um crescimento considerável das divisões do Exército, como conta Beasley(1989) na seguinte passagem:

”A força em tempo de paz aumentou para sete divisões, totalizando 78.000 homens, crescendo em períodos posteriores próximos à guerra para 120.000, incluindo artilharia e cavalaria. Usando reservas, o Exército foi capaz de colocar 240.000 homens no campo em 1894-5. Suas armas eram modernas, embora não completamente até os melhores padrões europeus; a sua formação e grau de especialização totalmente profissional.”(Beasley, 1989)²¹

Capítulo 2 - A entrada no século XX: as primeiras colônias e articulações

2.1 - Introdução

Beasley (1987) afirma que devemos começar nossa análise pelo ano de 1895, visto não só que o Império japonês se torna uma potência colonial considerável, mas por conta de que neste ano foi assinado o Tratado de Shimonoseki²², que concede ao Japão o domínio de Taiwan. E logo em seguida, deve-se ponderar o domínio de *Karafuto*²³, que é a região sul de Sakhalin, tomada do Império Russo em 1905, e por fim, a Coréia, que passa por várias etapas de dominação: de uma esfera de influência, um protetorado, e até ser anexada em 1910.

A partir de 1914, com a declaração de guerra à Alemanha, Beasley (1987) afirma que o Japão tirou proveito da derrota alemã, tomando para si, algumas bases

²¹ Tradução minha de Beasley(1989)

²² O Tratado de Shimonoseki de 1895 foi um acordo de paz assinado pelo Império do Japão e o Império *Qing* após o fim da Primeira Guerra Sino-Japonesa, em que a China concede como indenização de guerra Taiwan para o Japão.

²³ Dado o caráter secundário dado a *Karafuto*, deixaremos de analisá-lo.

e investimentos destes na província chinesa de *Shantung*²⁴, além de tomar possessões alemãs no Pacífico ocidental a norte do equador. Além disso, o Japão ocupou as ilhas do Pacífico, notadamente, as ilhas Mariana, Palau, Caroline e Marshall, e esta ocupação não se cessou, mesmo com após o Tratado de Versailles.

Devemos fazer ponderações acerca das duas primeiras colônias japonesas que propiciaram a transformação em um Império: Taiwan e Coréia. Primeiro, faremos um balanço da relação política do Japão com as duas colônias, e segundo, mostrando os principais objetivos econômicos dos investimentos japoneses, fazendo um balanço das diferenças das colonizações nas primeiras décadas do século XX.

2.2 - Coréia : Relações políticas e interesses japoneses

2.2.1 - Introdução e contextualização

Por uma questão didática e cronológica, adotamos a nomenclatura de colônia para a Coréia em um espectro maior do que ela realmente é. O Japão tinha desde os anos 1870 tinham um interesse especial pela Coréia, mas apenas a tinham como um parceiro comercial com mesmo nível de influência. Diferentemente da política agressiva japonesa no pós-Revolução Meiji, a Coréia manteve-se fieis aos seus ideais confucionistas e fiel ao pacto milenar com a dinastia *Qing* da China.

Podemos apenas afirmar que a Coréia se torna "colônia" do Japão na passagem do século XIX para o século XX, na qual, o ponto de partida é a vitória japonesa sobre os chineses, e a retirada imediata destes últimos da corrida pela busca da hegemonia político-econômica na Península Coreana. Nos 15 anos que separam o fim da Guerra Sino-Japonesa até a anexação oficial da Coréia, temos uma dominação indireta japonesa sobre a Coréia, de forma que a literatura, como Beasley (1987) defendem a ideia de que a Coréia era uma zona de influência ou uma colônia de dominação indireta.

Por uma questão cronológica, nos deteremos neste capítulo para analisar a

²⁴ Beasley(1989) destaca que comumente incluir certos territórios que não eram propriamente de *status* de colônia. como domínios no sul da Manchúria, e alguns portos como *Dalny* e as bases navais de *Port Arthur*.

transição das relações entre Japão e Coréia de 1870, passando pela rivalidade entre Japão e China pela conquista da hegemonia, até os anos pós-Guerra Sino-Japonesa, enfatizando os ganhos econômicos japoneses até a anexação em 1910.

2.2.2 - As relações até 1870 e os primeiros embates sino-japoneses

Beasley (1987) afirma que a Coréia foi uma exceção no mundo imperialista pós 1850: manteve-se leal aos seus princípios confucionistas de isolamento, e foi o Japão que mudou essa situação, como podemos ver na seguinte passagem:

”(A Coréia) se manteve leal a seus valores confucionistas, mesmo depois que os países ocidentais concluíram tratados com ele. Na verdade, foi Japão, não o Ocidente, que mudou essa situação. Ao fazê-lo, o Japão entrou no caminho do imperialismo de uma maneira bastante diferente daquilo que sua experiência recente poderia ter levado a esperar.”(Beasley, 1987)

Pretendemos fazer um panorama de quando a relação Coréia-China passa a ser minada pelo Japão e como este entra nesse circuito, querendo cada vez mais tomar o espaço chinês e ter um domínio econômico-político indireto sobre a Coréia. Nessa mesma linha, Cumings (2005) afirma que ”uma onda curiosa de atividades” no velho continente asiático incluía um movimento que se enxergava o Japão e a China com interesses semelhantes ao das potências européias pouco tempo atrás.

Antes da Revolução Meiji(1868) e nos séculos anteriores, o Japão e a Coréia estavam em patamares iguais, como ”vassalos” da China, apesar de que, com a política de isolamento do governo Tokugawa, devido a incontrolável entrada de influências européias no século XVI, o Japão não tenha recebido nenhuma expedição chinesa desde 1549, enquanto que a Coréia tenha continuado com a relação direta com a China.

Com a Restauração Meiji, o Japão emitiu um documento em que se colocava em patamar igual à da China, e assim, colocando a Coréia em um patamar abaixo. Os coreanos tomaram essa declaração como uma ofensa, e a partir disso, as relações entre Japão e Coréia se tornaram tensas, havendo rumores e cogitações

para um possível embate, que não se concretizou, dado que ambas as partes chegaram a conclusão de que isto apenas abriria margem para que as potências européias intensificassem o imperialismo sobre as dois países, e assim, a cautela venceu até 1875, em que o Japão começou a utilizar a diplomacia das canhoneiras para conseguir vantagens econômicas, e desse desentendimento, surge o Tratado de Kanghwa.

Duus (1995) afirma que o Tratado de Kanghwa²⁵ resultou do plano intitulado *Un'yō*, tinha como objetivo fazer com que o Japão aumentasse seu poder de influência antes que uma potência europeia.

Em 1876, um navio japonês passou por áreas coreanas sem permissão e foi atacado. O Japão revidou e atacou alguns portos coreanos e empregou assim, a diplomacia das canhoneiras para forçar a Coréia a assinar o Tratado. O Tratado versava sobre possíveis vantagens econômicas que o Japão almejava: acesso aos portos coreanos, que estavam fechados para comércio externo, assim como os portos japoneses estavam antes de 1853. Os comerciantes japoneses aumentaram consideravelmente suas exportações, primeiramente, revendendo produtos europeus que eram importados pelos japoneses, além de importar grandes quantidades de grãos de soja e arroz, e assim 90% das exportações coreanas acabaram sendo destinadas ao Japão.

Neste ponto, Duus (1995) em concordância com Gallagher e Robinson (1953)²⁶ afirma que as primeiras políticas do governo Meiji, principalmente na Coréia, foram de incluir o Japão em uma "matriz interestatal", nos moldes das nações ocidentais para acomodar os interesses do *free trade imperialism*, ou seja, possuindo relações indiretas, sem intervenção, mas com uma conotação de dominação político-econômico.

2.2.2 - A rivalidade sino-japonesa na década de 1880

²⁵Duus(1995) afirma que o Tratado de Kanghwa ou Tratado de Amizade Japão-Coréia ocorreu em 1876, e buscou diminuir a influência chinesa sobre a Coréia. Entretanto, o tratado acabaria por ser o primeiro de muitos tratados desiguais assinados pela Coréia, dando direitos extraterritoriais aos cidadãos japoneses na Coréia e forçou o governo coreano a abrir 3 portos para o Japão, especificamente Busan, Incheon e Wonsan.

²⁶Sobre o *The Imperialism of Free Trade*, ver Gallagher e Robinson(1953).

Duus (1995) afirma que a intensificação do imperialismo²⁷ na década de 1880 colocou em vista alguns problemas: 1) a possibilidade da China se tornar um alvo acessível às potências europeias; 2) a insegurança na Península Coreana e no Japão, conseqüentemente. O major Meckel alertou que a fragilidade da Coréia poderia trazer um certo risco para a segurança japonesa. Entretanto, o que incomodava os japoneses era o movimento chinês de tentar barrar as reformas, que de certa forma, eram benéficos para o Japão.

Com a assinatura do Tratado de Kanghai, a China começou um movimento que Duus chama de "bárbaros contra bárbaros", em que os chineses buscaram influenciar a corte coreana para estabelecer vínculos com os países europeus, visando acabar com o monopólio efêmero japonês. Em meados de 1880, primeiramente os russos, e depois os EUA estabeleceram tratados desiguais com a Coréia, e assim, em 1884 o jornal *Nichinichi* publicou o seguinte trecho:

"Nós não temos o desejo de empossar a Península. Como a posse da Coreia, no entanto, por qualquer outra potência seria uma questão de grande importância para nós, e por isso, devemos forçar nosso vizinho mais próximo a se auto governar e, se a China pudesse entender isso, não deve ser difícil para ela desistir de sua política de interferência em assuntos coreanos e tratar a Coréia como país independente"(*Nichinichi Shimbun*, 1884)²⁸

Duus (1995) afirma que o governo Meiji, a partir destes movimentos, começou a defender a independência da Coréia das amarras das potências européias, propondo que esta se reformasse politicamente, socialmente, e economicamente. Outro jornal da época, o *Hochi shinbun*²⁹, defendia que a Coréia fizesse uma reforma nos moldes da Restauração Meiji, ou até em termos mais profundos, na qual se sugeriu que a Coréia expandisse a educação, buscar a promoção da agricultura e da intensificação do comércio.

Observamos que, esse movimento japonês de defesa da independência da Coréia dos tratados desiguais tinha um caráter desesperado, na qual, o Japão deu

²⁷ A leitura feita de Duus(1995), que coloca em termos do neocolonialismo, entendemos isto como a intensificação do imperialismo europeu.

²⁸ Retirado de Duus(1995), que traduziu o original de *Nichinichi Shimbun*, 1884.

²⁹*Hochi shinbun de 1894*, retirado de Duus(1995)

um passo atrás para poder ter a hegemonia indireta da Coréia. O Japão assim, buscou primeiramente ajudar a Coréia se livrar das potências europeias e da China, para depois agir como maior liberdade após as reformas. Duus(1995) afirma que o governo Meiji adotou uma diplomacia menos agressiva, auxiliando a Coréia com expedições de lideranças no Japão para a troca de experiências.

Durante toda a década de 1880, o Japão emprestou capital para a modernização da Coréia, mas com o passar da década, essa reforma não se concretizou, uma vez que os japoneses não conseguiram providenciar um suporte financeiro considerável para a reforma, e muito menos conseguiu transformar as bases militares coreanas. Duus (1995) elenca alguns motivos que levaram a não sucesso dessas reformas: 1) O Japão não tinha suficiente capacidade militar e naval para apoiar os reformadores pela força ; 2) a redução do orçamento limitou a capacidade de apoio financeiro do governo 3) Os líderes do governo Meiji desejavam não provocar a corte chinesa nem coreana.

2.2.3 - A entrada na década de 1890: 1894-95

Beasley (1987) dá um enfoque nos anos que precedem a Primeira Guerra Sino-Japonesa, na qual as rivalidades entre o Império *Qing* e o governo Meiji se tornam mais acirradas.

Duus (1995) mostra que os gastos militares japoneses da passagem da década de 1880 para 1890 cresceram consideravelmente, como podemos ver na tabela abaixo. Este aumento considerável, deve-se ao fato que estes temiam que, segundo alguns relatos que serão discutidos no próximo item, o Japão até semanas antes do confronto direto com a China, queria evitar a qualquer custo a guerra.

Tabela 1 - Gastos militares em 1880-90

Ano	Gastos em % dos gastos governamentais
1880	19%
1886	25%

1890	31%
------	-----

2.2.4- A primeira Guerra Sino-Japonesa : suas causas e consequências

Ishii (2012) afirma que a oportunidade direta da explosão da Primeira Guerra Sino-Japonesa decorrer da Revolta Camponesa de *Donghak* é uma contradição, pois a mobilização de ambos os lados para combater a revolta e ao mesmo tempo enfrentar a China não estava nos planos dos japoneses.

A causa da Primeira Guerra Sino-Japonesa, segundo Ishii (1991) foi que o governo japonês, na primeira oportunidade de superar a crise política interna, e dado que os preparativos para a dominação na Coréia estavam sendo realizados, buscou consolidar sua hegemonia, em que os interesses econômicos estavam subordinados aos interesses políticos.

Além disso, Ishii (2012) mostra duas perspectivas. A primeira é uma opinião considerada clássica, baseada nos estudos do professor *Akira Nakatsuka*, que afirma que a Guerra Sino-Japonesa decorre dos interesses japoneses, e do governo Meiji em consolidar sua administração despótica na Península Coreana.

A segunda, do professor *Hidenao Takahashi*, em seu texto clássico "*Nisshin sensô no michi*"³⁰ da *Kyoto University*, mostra uma perspectiva não convencional das causas da guerra. Takahashi(1995) critica a visão de que havia uma preparação para invasão da Coréia, em que este afirma que a transição do Japão para uma nação continente começou acidentalmente, a partir da Primeira Guerra Sino-Japonesa.

Takahashi (1995) recorre à análise de atas de reunião do Primeiro Ministro Ito para concluir que no período em que se decretou o envio de tropas para conter a Rebelião Donghak, o gabinete do primeiro ministro era incisivo em evitar um conflito direto com a China. Entretanto, duas semanas depois, em meados de 15/06/1894, os planos se reverteram e buscou-se o confronto direto. A mudança repentina, pode

³⁰Para um panorama mais completo sobre a Primeira Guerra Sino-Japonesa(1894-95) consultar Takahashi(1995) - *Nisshin sensô no michi*, ou, o "O caminho para a Primeira Guerra Sino-Japonesa"

ter sido causada pela constatação de que o Exército chinês do governo *Qing* não possuía tanto prestígio como se supunha.

2.2.5 - Coréia sob o domínio indireto(1895-1910)

Com o fim da Primeira Guerra Sino-Japonesa, temos que a China sai de cena e o Império Japonês consegue o seu objetivo e estreita sua relação com a Coréia. Sob o ponto de vista econômico, tentaremos mostrar como o Japão se beneficia desta hegemonia, mesmo que de forma indireta, torna-se uma relação linear crescente.

Com a guerra, o Japão teve um crescimento no comércio nos portos coreanos. Os preços dos artigos comerciais japoneses cresceram consideravelmente, de acordo com Duus(1995), o preço do açúcar saltou de ¥0.08 para ¥0.17 e os preço da tonelada de carvão foi de ¥6.50 para ¥15.00. Além disso, a saída da China da Península coreana fez com que esta se abrisse para o mercado de algodão.

Duus afirma que o aumento da demanda por produtos japoneses estava sendo estimulada pelo aumento da circulação da moeda japonesa na Coréia. Os mercadores, transportadores contratados pelos militares japoneses eram pagos em yen, e estes compravam produtos japoneses e se livravam dos yens rapidamente - fazendo com que a moeda circulasse.

O crescimento do comércio japonês com a Coréia não se encerrou com o final da Guerra Sino-Japonesa. Duus afirma que as exportações para a Coréia contabilizaram ¥3.8 milhões em 1895, e em 1904 passaram para ¥20.4 milhões. Já as importações passaram de um montante de ¥2.9 milhões em 1894 para ¥6.4 milhões em 1904. Duus afirma que em durante 1908 a 1910, a Coréia se transformou no quarto maior parceiro comercial japonês, atrás apenas dos Estados Unidos, China e França, como podemos observar na tabela abaixo.

Tabela 2 : Comércio Japão-Coréia entre 1876 - 1911

Ano	Exportação de commodities*	de Importação de commodities*	de Importação de ouro e prata
1876	20	13	-
1881	1945	1372	468
1894	2365	2183	556
1900	9953	8806	2970
1904	20390	10052	5142
1905	26619	6151	5418
1906	25210	8206	5861
1907	32792	16372	5452
1910	31450	16902	10797
1911	41688	15802	15117
			*O valor está dividido por ¥ 1000

Fonte: Duus(1995) *The Abacus and the Sword : Japanese Penetration in Korea*

Duus aponta que o comércio Japão-Coréia deveria ser chamado de *Osaka-Korea*, pois grande parte do comércio se realizava de *Osaka* em direção a *Pusan e Inchon*. Desde 1890, as empresas de Kansai estavam interessadas em expandir seu comércio na Coréia, e assim, nos anos seguintes, estabeleceram empresas de transporte e bancos para intermediar essa relação. Duus afirma que o crescimento das importações japonesas deve ser justificado, a priori, pelo aumento da demanda coreana pelos produtos comercializados pelos japoneses - como roupas e elementos de urbanização, e menos pela presença militar e política dos japoneses.

Ao final, Duus enumera as vantagens que os japoneses tinham em relação aos competidores estrangeiros : 1) o Japão tinha uma proximidade geográfica com a Coréia ; 2) com o passar do tempo, o Japão começou a desenvolver sua indústria

base, principalmente na produção de algodão em fios e em tecido, enquanto que os chineses continuavam engajados serem o intermediários dos produtos europeus ; 3) os japoneses já estavam dominando a infraestrutura do comércio na Coréia.

Duus afirma que os japoneses, após a vitória na Guerra Sino-Japonesa, estavam convictos que o sucesso a longo prazo do comércio japonês na Coréia, principalmente dos manufaturados japoneses e dos bens diversos, estava relacionado com a penetração no interior da rede do comércio. Assim, os ministros japoneses trabalharam para conseguir subsídios para que se investigasse as condições dos mercados locais da Coréia. Mas a efetividade foi bem baixa, apesar do grande esforço empreendido pelos mercadores japoneses.

Como visto anteriormente, diferentemente dos produtos diversos, o comércio Japão-Coréia foi baseado na relação Coréia, um país agrário exportando arroz e soja e o Japão como uma economia recém-industrializada. Duus (1995) afirma que a literatura em história econômica mostra que a relação comercial poderia ser chamada de “*exchange of rice for cotton*”, ou seja, a troca de arroz por algodão manufaturado.

A região que mais demandava era a área industrializada de *Kansai* - que vivia um crescimento urbano e o crescimento do preço do arroz doméstico. Além de ofertar para o Japão, a Coréia também começou a ofertar arroz para o território *Kwantung* e para o *Sudeste da Manchuria*, após o estabelecimento da presença colonial japonesa.

Conseqüentemente, os bancos japoneses começaram a ver lucros no mercado de arroz, e assim, começaram a investir nos mercadores. Podemos observar no gráfico abaixo, o crescimento considerável das importações japonesas de arroz na primeira década do século XX.

Tabela 3 : Importação de arroz da Coréia pelo Japão entre 1902-10

Ano	Coréia	% do total de importação
1902(¥ 000s)	3,961	22,3%
1903	4,781	9,2%
1904	1,579	2,6%

1905	1,269	2,6%
1906	1,579	6,0%
1907	7,995	25,8%
1908	6,036	26,6%
1909	4,442	32,7%
1910	1,386	16,0%

Fonte: Naikaku Tokeikyoku, in Nihon teikoku yokei nenkan, vols 21-29(1902-10)

2.3- Taiwan : Relações políticas e interesses japoneses

2.3.1 - Pós-guerra: Taiwan como recompensa

Beasley(1987) destaca a dificuldade que o Japão enfrentou para tomar decisão de como iria colonizar Taiwan. Alguns políticos pensavam na maneira francesa, que pressupunha a necessidade da "civilidade", ou a forma britânica de autonomia política.³¹

A política colonial de enquadramento em Taiwan foi em grande parte o trabalho de *Kodama Gentaro* e *Goto Shimpei* nos anos de 1898-1906. Um dos seus objetivos era tornar a colônia fiscalmente autosuficiente, ou pelo menos capaz de dispensar os subsídios de Tóquio.

Para isso foi implementada uma reforma do sistema de tributação da terra, envolvendo uma pesquisa abrangente de terras agrícolas e um censo populacional. Ambos foram completados em 1905. Uma consequência - como também aconteceu no Japão durante os anos 1870 e 1880 - foi confirmar os proprietários em seu domínio da sociedade rural, alisando assim o caminho do governo local. Outro foi o dobrar a área de terra registrada para impostos e agilizar a receita retirada dela. Um aumento semelhante na receita foi obtido pela gestão eficiente de monopólios no ópio, sal, cânfora e tabaco.

Howe (1995) começa destacando que Taiwan possui uma riqueza natural e uma geografia que favorecia cultivar arroz, açúcar, chá, vegetais e frutas. Além

³¹ Analiticamente, ambas as proposições abriram brechas para interpretações, por parte da elite taiwanesa, que igualmente aos japoneses, descendiam de uma educação confuciana e de uma raiz cultural chinesa.

disso, possuía uma riqueza hídrica para geração de energia, que eventualmente formou a base da industrialização precoce da ilha de Taiwan. Howe apoia a tese de Duus em “The economic dimensions of Meiji Imperialism” que, a priori, os japoneses não tinham conhecimento da dimensão do potencial natural que Taiwan possuía.

Os políticos japoneses pensaram em uma estratégia diferente para colonizar Taiwan: colonialismo voltado para o desenvolvimento de ambos os lados, racialmente imparcial e fiscalmente autosuficiente.

Desde o início do colonialismo, o Japão enfrentou problemas de insurreições que tiveram implicações econômicas, no sentido de que os custos de pacificação levaram a altos gastos pelo governo. Taiwan enfrentou uma pressão para regularizar sua situação fiscal, e isso foi atingido de uma forma rápida, com a criação de monopólios estatais em *commodities* chaves, como tabaco, ópio e sal.

Taiwan enfrentou problemas de ordem de medidas e moeda. E nesse ponto, o Banco de Taiwan, que será trabalhado nos próximos tópicos, teve o papel fundamental para a unificação do sistema de medidas e da moeda. Ao mesmo tempo, a criação de medidas que atraíssem investidores privados era vista como prioritária. Em 1904, Taiwan ingressou no padrão-ouro com o Japão.

Howe (1996) destaca o duplo trabalho do setor privado e do Estado em prol do crescimento econômico de Taiwan. Os investimentos estatais foram vistos, principalmente na infraestrutura física, no que diz respeito às telecomunicações e nos transportes. Além disso, o Estado trabalhou para abrir o mercado externo, desenvolver recursos humanos, melhorar a agricultura. Já os investimentos privados ficaram a cargo da *Okura Company* e o desenvolvimento da indústria do açúcar. A *Okura Company* estava envolvida na construção civil, construção de ferrovias, silvicultura e açúcar e várias formas de produção na agricultura. Além disso, a *Okura Company* se destacou na expansão dos negócios da colonização japonesa na China - principalmente na Manchúria.

2.3.2 - Relação econômica com Japão

Howe afirma que o açúcar foi o grande foco da primeira fase da colonização de Taiwan. Isto foi motivado pela baixa produtividade e ineficiência da indústria

açucareira em território japonês. Assim, Taiwan era claramente um local promissor para a produção açucareira.

Com isso, foi estabelecido que a cana seria plantada em larga escala com técnicas avançadas de cultivo que seriam importadas para a otimização do processo. O Banco de Taiwan e o Mitsui Bank criaram a *Taiwan Sugar Manufacturing Joint Stock Company* pois os policymakers viam a indústria do açúcar nas mãos do setor privado.

Beasley(1987) afirma que o crescimento da produção de açúcar cresceu muito mais rápido do que qualquer outra commodity : de 82,000 toneladas por ano produzidas em 30,000 hectares em 1901-10, para 498.000 toneladas produzidas em 115,000 hectares in 1921-30. Assim, Beasley(1987) mostra o quanto a produção de commodities em Taiwan cresceu, e como Taiwan acabou se transformando dependente de seu colonizador.

“A produção total de todos os bens de Taiwan dobrou entre 1915-19 e 1925-9. No decorrer do tempo, mais de 50% estavam na agricultura, e menos de 40% na manufatura. Dois terços da produção, no entanto, foram contabilizados por produtos alimentícios, incluindo açúcar.” (Beasley, 1987)

No que diz respeito a política de arroz em Taiwan, a primeira fase da política colonial japonesa se estendeu de 1897 a 1907, e consistiu na pesquisa de terra e reformas estruturais para que se pudesse estabelecer as produções para exportação. A segunda etapa consistiu na adoção de técnicas modernas de cultivo, com a compra de grãos melhorados, investimento no sistema de irrigação e o uso de fertilizantes, para que assim, os produtores taiwaneses conseguissem aumentar a produção.

Os frutos das políticas da agricultura foram vistos na década de 1920. O açúcar e o arroz conseguiram uma considerável expansão, além disso, conseguiram adquirir o investimento no sistema de irrigação. O progresso do arroz foi parecido com o do açúcar, na medida que o cultivo tinha estendido 29% em 1905 e 56% em 1941. E assim, a produção de Taiwan supriu a demanda japonesa por arroz, além de oferecer um preço bem baixo.

Um estudo recente republicado pelo professor Horiuchi da *Mie University* tenta mostrar que Taiwan sob o domínio japonês serviu como exportadora de alimentos, principalmente de arroz, alimento básico dos países asiáticos, na qual Horiuchi vai além e tenta apontar que a necessidade de suprir a demanda de arroz levou ao desenvolvimento de indústrias de pequena escala em Taiwan e posteriormente, na década de 1920 e 1930, a produção do açúcar levou as bases da industrialização.³²

Para entender o processo de mudança econômica em Taiwan, Horiuchi (2001) destaca a necessidade de se entender a transição abrupta sofrida: em 1895, com o Tratado de Shimonoseki, este passa do domínio chinês e se juntou à economia japonesa modernizadora e foi envolvida no sistema capitalista. O principal ponto que iremos discutir, mais especificamente no capítulo 3 é se houve ou não um embrião de um desenvolvimento industrial em Taiwan e se o capitalismo japonês se desenvolveu também na colônia.

2.4 - Contraste de enfoques econômicos entre Taiwan e Coréia

Para iniciar o contraste da Coréia e Taiwan, no que diz respeito a ênfase do comércio com o Japão, dos papéis do bancos e dos investimentos, devemos retornar as análises de Duus e Howe, que apontam, primeiramente, para as principais diferenças conjunturais que Coréia e Taiwan possuíam do ponto de vista japonês.

O Japão enxergava a Coréia como um objetivo a ser conquistado - até a década de 1880, os japoneses desfrutavam praticamente de um monopólio comercial na península coreana, e a partir do momento que esse monopólio começou a se desmontar, o governo japonês não mediu esforços para retomar esse comércio. Com a saída da China da Península Coreana por motivos da guerra, podemos observar o crescimento do comércio entre os dois países

³²No capítulo seguinte, entraremos em detalhes dos avanços econômicos de Taiwan no período do fim da Era Meiji para a Era Taisho, e como as colônias começaram a ser influenciadas pelo movimento de industrialização promovido pelo Japão.

Podemos pontuar duas grandes diferenças conjunturais da colonização de Taiwan e da Coréia, no campo do trocas dos bancos e investimentos, baseado em Howe(1996), Duus(1995) e Tamaki(1995).

Como dito acima, o Japão almejava o domínio do mercado de trocas coreano e por isso não mediu esforços para colonizar a Península Coreana. Taiwan, por sua vez, foi conquistada como um prêmio de guerra e, a priori, o Japão não tinha interesses maiores em Taiwan, principalmente, por desconhecer os potenciais recursos naturais que a ilha de Formosa possuía.

Os investimentos bancários de Taiwan e da Coréia se realizaram por duas vias distintas nos primeiros anos da colonização, apesar de possuírem um ponto em comum: a ampliação das redes bancárias nas respectivas colônias. Essas vias distintas podem ser observadas nas formas de investimentos dos bancos estabelecidos pelo governo japonês. Em Taiwan, muitos dos investimentos e da ampliação dos empréstimos bancários se deram para o investimento em regiões estratégicas na China e do Sudeste Asiático. Na Coréia, os investimentos se concentraram mais na Península Coreana, e principalmente, nos investimentos em ferrovias e na infraestrutura de transportes.

2.3.5. A articulação dos bancos nas colônias

Para compreender o movimento do imperialismo japonês, na sua forma de investimentos nas colônias e em áreas de interesse do capital japonês, devemos passar pela transformação feita pelo governo Meiji no que tange a atuação dos bancos em Taiwan e na Coréia. O Japão teve uma atuação na fomentação de um sistema bancário moderno, sendo as formas de atuação sendo feitas de maneiras distintas nas duas principais colônias.

Tamaki (1995) afirma que antes de 1897 não havia um sistema bancário moderno e instituições modernas em Taiwan, e assim, em abril de 1897, o governo japonês promulga a criação do Banco de Taiwan.

Tamaki descreve da seguinte forma o Banco de Taiwan:

“(...) o Banco de Taiwan, como uma instituição financeira para Taiwan, teve a intenção de apoiar o comércio, as manufaturas e os serviços públicos com

recursos monetários, com o objetivo de desenvolver a riqueza em Taiwan, encorajando a economia a crescer e estender os negócios no sudeste da China, e nesse sentido, o banco será o maior mediador do comércio nessas regiões” (Tamaki, 1995)³³

Dois anos depois, as notas emitidas pelo Banco de Taiwan começaram a ser a moeda em Taiwan, uma vez que anteriormente, a moeda utilizada era a moeda de prata. Em atos datados entre 1904 e 1906, novas medidas foram feitas : 1) o padrão metálico de Taiwan seguiu o padrão japonês, passando para o padrão-ouro, 2) o Banco de Taiwan estava autorizado a emitir moeda em excesso do limite fiduciário, 3) a limitação do investimento em valores mobiliários foi diminuído para que o banco pudesse comprar debêntures do recém estabelecido Banco Industrial do Japão.

Hori (1983) afirma que pouco se sabe sobre a história do sistema bancário na Coréia, principalmente ao período que antecede 1905. Tamaki (1995) afirma que a Coréia seguiu um caminho um pouco diferente, logo com o fim da Guerra Russo-Japonesa, o *Daiichi Bank* foi oficialmente autorizado a iniciar seus negócios em território coreano, em favor do governo japonês. Logo em 1908, o *Daiichi Bank* já possuía aproximadamente quatorze escritórios na Coréia. Ao mesmo tempo, vários outros bancos japoneses começaram a abrir escritórios na Coréia, como o *Junachi Bank of Nagasaki*, *Gojuhachi Bank of Osaka*, e todos esses bancos estavam a serviço dos japoneses, e não dos coreanos.

Em 1909, com a revisão dos tratados Korea-Japão, foi estabelecido a criação do Banco de *Kankoku*, que assumiu os negócios iniciados pelo *Daiichi Bank*. Em 1911, este se transformou no Banco da Coréia pelo Ato do Banco da Coréia legislado pelo Parlamento japonês. O banco estaria sob supervisão estrita de Tóquio e os seus diretores e presidente seriam nomeados pelo governo japonês. O autor destaca a similaridade dos papéis do Banco da Coréia e o do Banco de Taiwan, que atuaram com o mesmo objetivo.

Hori (1983) destaca o crescimento dos bancos comerciais na Coréia, a partir de 1910. Diferentemente do que é afirmado categoricamente pela academia internacional, os bancos comerciais, a partir da anexação coreana de 1910, não

³³ Tradução minha de Tamaki(1995).

possuem uma relação de dominação com o Estado japonês, mas sim, com o setor privado japonês. Os fundadores e mentores do crescimento dos bancos comerciais na Coreia podem ser divididos em duas categorias: 1) japoneses bem-sucedidos que expandiram seus negócios; 2) latifundiários coreanos.

Inicialmente, os bancos comerciais coreanos tinham como principal função, estabelecer uma relação econômica com o Japão, de forma que essa relação era necessária, dado que esses bancos isoladamente não conseguiam suprir o montante de recursos financeiros necessários. Hori (1983)³⁴ afirma que o Japão fracassou em seu objetivo de estabelecer a promoção dos bancos comerciais, no que diz respeito a criação de uma estrutura de crédito eficiente para viabilizar investimentos na Coreia.

2.6 - 1900-1905: O imperialismo japonês em conflito

2.6.1 - Japão, Rússia e Grã-Bretanha no início do século XX

A literatura sobre o Império japonês não possui um consenso em quando se deve falar uma hegemonia do "imperialismo japonês" na Ásia. De um lado, defensores da ideia de que a vitória sobre os chineses em 1895 e a incorporação da primeira colônia, Taiwan, seria o ponto de partida em se falar na hegemonia do imperialismo japonês, já que, os primeiros ruídos da ascensão político-econômica japonesa começava a surgir nos países ocidentais, visto a sua vitória sobre o Império *Qing*, praticamente semi-milênar. Por outro lado, os defensores da hegemonia após a vitória contra a Rússia em 1905, defendem que a partir deste ponto, as duas áreas de influência que o Japão mais valorizava estavam seguradas: 1) Coreia - que se torna um semi-protetorado em 1905 ; 2) Manchúria - também se torna um zona quase que exclusiva dos investimentos e interesses japoneses.

A nossa interpretação vai na linha de que o Japão, na virada do século, pode ser considerada uma potência regional na Ásia, uma vez que conflitos e tratados e alianças são feitas à nível de potência regional, como veremos a seguir com a tecelagem do tratado de cooperação com a Grã-Bretanha que trouxe benefícios para ambos os lados, e ao mesmo tempo, não foi imposto ou desigual para o Japão.

³⁴O texto de Hori (1983) está em japonês(朝鮮における普通銀行の成立と展開), do qual o título traduzido seria "O crescimento dos bancos comerciais na Coreia"

Ishii (2012) faz uma relação interessante entre a Primeira Guerra Sino-Japonesa e a Guerra Russo-Japonesa de 1905. Com a vitória japonesa contra a China, o Japão, como pudemos ver no item da Coréia sob o domínio indireto, começou a expandir seus negócios e investimentos, e assim o avanço do capitalismo japonês, em última instância, começou a esbarrar nos interesses russos, e assim, a guerra foi uma consequência desse movimento.

Beasley (1987) afirma que o ano de 1900 é o ponto de partida para se entender todo o conflito com a Rússia e com as potências europeias. Com a eclosão e disseminação dos *Boxers*, ou seja, de grupos de chineses que lutavam contra a invasão estrangeira, um grande conflito de interesses começa a eclodir na China e atinge a região da Manchúria. Tanto o Japão, como a Rússia ficaram alertas com relação a possíveis perdas de suas zonas de influência.

Beasley (1987) afirma que o imperialismo japonês, na entrada do século XX, possuía limitações. Aqui, devemos pontuar a aliança com a Grã-Bretanha, que teve uma influência, politicamente e culturalmente.³⁵ Grã-Bretanha, Rússia e Japão tinham interesses na China e aqui, devemos pensar que o Japão pensou na seguinte estratégia: quem seria mais interessante ter ao lado, os britânicos, que ainda eram a hegemonia mundial, ou os russos, que tinham uma rivalidade direta com os japoneses na região da Manchúria. O autor aponta o verão de 1900 como o início dos problemas: os Boxers atacam algumas ferrovias na Manchúria, e como resposta, a Rússia envia algumas tropas, desagradando o Japão.

O descontentamento do Japão tinha como principal interlocutor o primeiro ministro *Yamagata Arimoto* tinha a convicção de que o envio de tropas da Rússia tinha como objetivo a ocupação permanente. Arimoto, que deixou o cargo em Junho de 1901, deixou claro que havia a necessidade de um apoio britânico para barrar o avanço russo na Manchúria. Beasley (1987) utiliza um discurso do ministro das relações exteriores do Japão à época do ministro *Katsura Taro*, para mostrar como o governo japonês enxergava o problema com a Rússia:

”Se a Manchúria se tornar uma possessão

³⁵ Para entender mais sobre a influência britânica nos costumes do Japão moderno, ver Cobbing(2013) *The Japanese Discovery of Victorian Britain: Early Travel Encounters in the Far West*

da Rússia, a Coreia não poderá permanecer independente” (Taro em 1901, traduzido por Beasley,1987)

O ministro *Taro* selou o compromisso de aliança com os britânicos, uma vez que esta parceria teria diversos benefícios sob a ótica japonesa. Primeiro, uma parceria com a Grã-Bretanha seria um alerta aos russos para terem cautela em seus próximos passos. Segundo, uma aliança com a Grã-Bretanha seria um canal de acesso a crédito, dada a importância da *city* londrina. Terceiro, o Japão poderia ter acesso ao comércio com as colônias britânicas, sendo um importante meio de escoar suas produções manufaturadas.

O tratado anglo-japonês de 1902 tinha os seguintes pontos: 1) manter a integridade e independência territorial da China e da Coreia, mantendo oportunidades destas transacionarem com o mundo todo, em linha com o *free trade* britânico. Mas, Nish (1966) destaca um ponto curioso deste tratado:

”que o Japão tinha um interesse em um grau peculiar politicamente, bem como comercial e industrialmente na Coreia.”(Nish,1966)

Beasley (1987) destaca esta passagem de Nish, na qual podemos concluir a inferência feita no início deste item: o tratado balanceou e atendeu todas as partes e o Japão assinou um tratado com *status* de potência. Além disso, o tratado possibilitou um peso maior para o Japão lidar com possíveis hostilidades - leia-se a possível problemática com a Rússia.

2.6.2 - A Guerra Russo-Japonesa e suas motivações

Beasley(1987) afirma que o Japão, em posse do apoio britânico, começou a enfatizar o seu descontentamento com a Rússia de forma que se começou a pressionar a Rússia pela retirada de suas tropas da Manchúria. No que diz respeito a retirada das tropas, o Japão foi bem-sucedido, mas as hostilidades com relação as disputas sobre a Manchúria não foram bem-sucedidas e o caminho para a guerra foi a solução.

Não entraremos nos detalhes da guerra, mas aqui vale destacar dois pontos

de superioridade japonesa que contribuíram para a vitória, além do apoio incondicional da Grã-Bretanha: 1) o Japão utilizou a Coréia como base para atacar algumas posições da Rússia no sul da Manchúria ; 2) o Japão possuía uma superioridade, segundo Beasley (1987) nas batalhas em terra, e como grande parte dos confrontos foram em terra, estes conseguiram alcançar vitórias importantes que levaram a rendição russa no início de 1905.

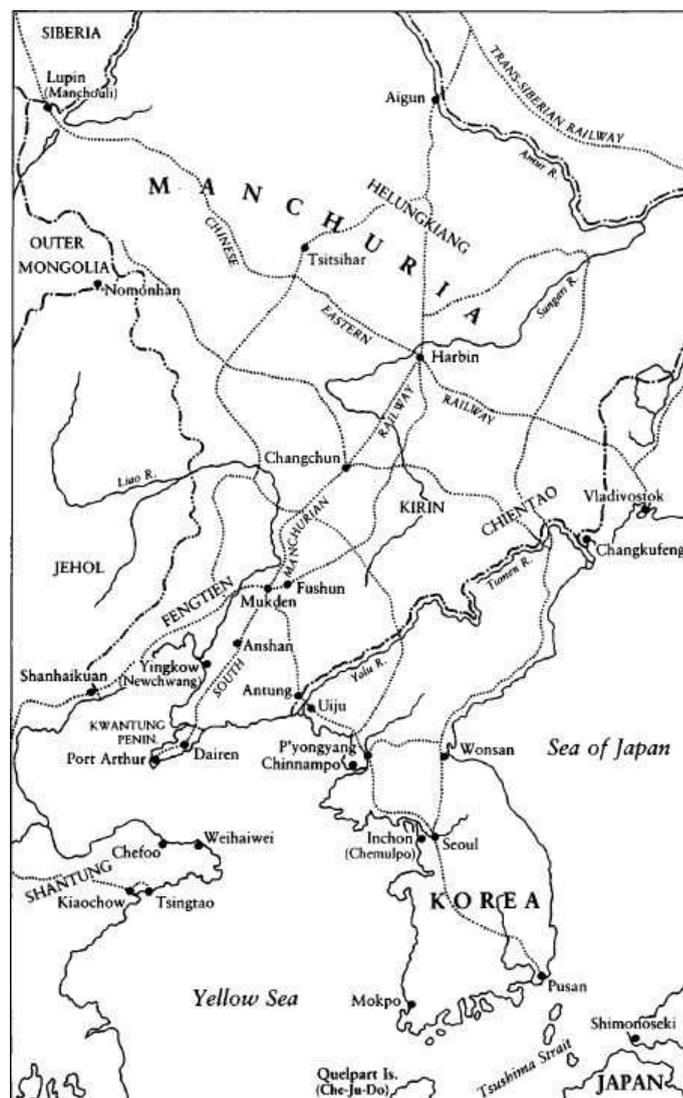
Beasley (1987) afirma que por mais de 50 anos houve um intenso debate sobre a relevância da Guerra Russo-Japonesa para o imperialismo japonês. Uma das visões defendia que havia grupos nacionalista japoneses como o *Kokuryukai*, que via que o confronto com a Rússia como um prelúdio para a expansão territorial no continente asiático e defendiam a "missão do Império do Japão, em criar um grande empresa continental, englobando a Manchúria, a Mongólia e Sibéria".

Aqui vale resgatarmos um evento do final da Guerra Sino-Japonesa que não trabalhamos, mas que, segundo a literatura, teve influência no conflito posterior da Rússia e do Japão. que foi a Intervenção Tripla ou *Triple Intervention*, da França, Rússia e Alemanha em 1895, após a assinatura o Tratado de Shimonoseki, que declarava o fim da guerra e os pagamentos das indenizações pelo governo *Qing*. Logo após o fim da guerra, a Rússia tomou o *Port Arthur* na Península *Liaotung*, que pelo Tratado, seria uma recompensa ao Japão, ao mesmo tempo que a Rússia persuadiu a França e a Alemanha a ficarem ao seu lado nessa invasão. O Japão aceitou deixar Liaotung mediante um pagamento de indenização, mas o sentimento de revanchismo continuou até a vitória na guerra contra a Rússia, na qual, este ideal de revanche contaminou as camadas médias do Exército, juntamente com líderes da opinião pública e certos partidos políticos.

Beasley (1987) afirma que essa visão de revanchismo, da mesma forma que se usa para a Alemanha pré-Primeira Guerra Mundial não se sustenta, uma vez que em termos comerciais e geográficos, uma guerra naquele momento para o Japão não seria benéfico. Analisando o mapa abaixo, podemos ver que a área de influência russa, com relação a Manchúria ficava na região setentrional, sem nenhuma interferência com área de influência japonesa que envolve toda a área meridional. Além disso, no que diz respeito às áreas comerciais mais lucrativas na China, a região sul da Grande Muralha era a *locus* na região.

Dessa forma, o embate russo-japonês, segundo Beasley (1987) se assenta na problemática do futuro das zonas de influência: o Japão temia a possível tentativa da Rússia em praticar políticas de "Portas fechadas" na Manchúria, barrando entrepostos comerciais com as demais áreas da Ásia. A presença das tropas russas na Manchúria estava deixando os japoneses em alerta, uma vez que esta presença ameaçava o "a linha da soberania" de Aritomo, além de barrar um futuro avanço japonês em terras asiáticas.

Mapa 1 - Área de tensão até a Guerra Russo-Japonesa



Fonte: Beasley(1987) - Japanese Imperialism 1895-1945

Em resumo, o Japão, ao mesmo tempo que via um potencial inimigo na correlação de forças no oriente, temia que a sua zona de soberania fosse violada com quaisquer iniciativas russas, tanto na monopolização da Manchúria, como na possível descida para a Coréia. Buscou-se, vale destacar, acordos diplomáticos, partindo do Japão, pelo respeito a "soberania", na medida se buscava negociar a manutenção de se manter aberta o comércio e as empresas japonesas na Manchúria.

Com a vitória japonesa, foi assinado o Tratado de Portsmouth, que assinalou o fim da Guerra Russo-Japonesa, com a vitória japonesa. Pretendemos mostrar uma perspectiva econômica do pós-guerra que não aparece na literatura britânica e norte-americana. Vale destacar, que a partir da vitória sobre a Rússia, o Japão se torna a grande potência imperialista na Ásia.

A perspectiva econômica se deu, segundo Ishii (2012), com a implementação na Manchúria uma grande investigação econômica. De acordo com os estudos de *Kenichiro Hirano* da *Waseda University*, logo após a vitória, o governo-geral japonês que tinha sede em Taiwan, mudou-se rapidamente para *Shandong*, uma região mais próxima à Manchúria, para que se iniciasse, o que Ishii (2012) chama de "*Manchuu Tomiminatoro Chousa*", ou seja, investigação sobre as riquezas da Manchúria. A partir disto, as investigações levaram a resultados que animaram os japoneses: a existência de minerais e de campos de carvão, que em pouco tempo, os japoneses começaram a exportar, segundo a tabela abaixo, com base nos dados aproximados de Ishii.

Tabela 4 - Quantidade de carvão exportada da Manchúria

Ano	Quantidade de carvão exportada
1911	1 milhão de toneladas
1913	2 milhões de toneladas
1920	7 milhões de toneladas

Parte II : O Japão no século XX - Rápidas transformações e crise

Capítulo 3 - O fim da Era Meiji(1868-1911) a passagem para a Era Taisho(1912-24) e os anos 20.

3.1 - A transição de uma Era vitoriosa

A transição da Era Meiji para a Era Taisho foi um marco considerável na sociedade japonesa do início do século XX. Harootunian(1974) afirma que a transição da Era Meiji para Era Taisho foi apenas "uma mudança cronológica". As mudanças abruptas promovidas por Meiji já passavam por questionamentos, ao mesmo tempo que as propostas de modernização levantadas quase 45 anos antes foram cumpridas: o Japão em meados da década de 1910 já era uma sociedade moderna.

Gordon (2004) nos mostra uma perspectiva interessante do ponto de vista comparativo com o mundo ocidental. O imperador Taisho toma posse em 1912 e já em 1918, sua saúde mostra-se debilitada em detrimento de uma infância com diversas doenças. O imperador Taisho, com menos de 6 anos de reinado, começou a ter problemas que fizeram com que articulassem sua saída e a recolocação do príncipe Hirohito em seu lugar, acontecendo de fato em 1921, permanecendo como regente até 1926, ano da morte de seu pai. Assim devemos nos atentar as duas datas acima: 1918 e 1921. Fazendo um paralelo com os acontecimentos na Europa, temos o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-18) que destruiu os reinados dos monarcas do Império Otomano e Austro-Húngaro, além da queda do czar russo frente à Revolução de 1917.

Transpassando a análise de Gordon, iremos sustentar que o Império do Japão se sustentou em virtude dos acontecimentos de cunho econômico, da parceria com as colônias, sendo assim possível que o Japão conseguisse entrar no circuito industrial, assemelhando-se aos Estados Unidos, em sua posição neutra, sendo um país provedor de suprimento para os países em conflito.

O final do reinado do imperador Meiji, praticamente todo reinado do imperador Taisho e um trecho bem ínfimo do reinado do imperador Showa foi designado por historiadores como "Democracia Taisho", sendo um conceito, à primeira vista, contraditório. Gordon (2004) nos descreve este período, como podemos ver na passagem abaixo:

”O período[Democracia Taisho] começa com a agitação política de 1905 que protesta contra o tratado que terminou a Guerra Russo-Japonesa e termina com a queda do gabinete do partido Seiyukkai em 1932. [...] O regime político formado por políticos eleitos que formaram gabinetes administrados por membros do partido começou a se constituir na Era Taisho. Esta foi uma mudança dramática na direção da democracia. Mas também se encontra em continuidade no fato de que todos os defensores proeminentes do governo parlamentar, como os oligarcas da era Meiji e seus defensores nas forças armadas e na burocracia, eram leais ao Império. [...] No Japão pré-guerra, na Grã-Bretanha ou na Holanda, os defensores de uma ordem política mais democrática acreditavam que a lealdade a um monarca, a busca do império e a participação popular na política eram mutuamente compatíveis e, de fato, reforçavam.”(Gordon, 2004)

Ao mesmo tempo, Duus (1968) coloca a problemática de uma outra maneira. Como iremos ver adiante, na Era Taisho começamos a observar o surgimento de partidos políticos e uma rivalidade entre dois partidos em específico, que começam a coincidir com o surgimento de uma série de problemas nacionais.

Duus (1968) faz uma comparação interessante entre as preocupações que assolavam os oligarcas da Era Meiji e da Era Taisho.

Na Era Meiji, dado a série de questões que assolavam a soberania nacional, a preocupação primordial dos oligarcas era criar uma base de “riqueza e força nacional que permitiriam ao Japão se estabelecer como um parceiro igualitário dos ocidentais na comunidade internacional”.³⁶

Na Era Taisho, no entanto, o Japão se tornou uma grande potência, e as questões domésticas se tornaram mais prioritárias, na visão de Duus (1968) do que os problemas estrangeiros. O país estava começando a sentir os deslocamentos sociais e políticos criados por sua revolução industrial.

3.2 - A “Democracia” Taisho e as rivalidades

3.2.1 - Introdução: porquê “democracia”?

Shuichi (1974) afirma que o período do Entreguerras, da maneira que a literatura internacional coloca como o período entre a Primeira Guerra

³⁶ Tradução de Duus(1968)

Mundial(1914-18) e a Segunda Guerra Mundial (1939-45) pode ser caracterizado de uma maneira diferente, ao se observar a situação política do Japão, na chamada "Democracia" Taisho. Neste ponto, Shuichi diverge um pouco da caracterização de Gordon(2004), pois o autor especifica que a "Democracia" Taisho se estendeu do final da Primeira Guerra Mundial até o final do anos 1920, e o segundo período pós 1930 foi marcado pelo militarismo e pelo ultra-nacionalismo.

Shuichi (1974) afirma que a estrutura institucional continuou a mesma, na qual as bases da Constituição Meiji não se alteraram, mas sim, os grupos que influenciaram o circuito político, as tendências sociais e a atmosfera cultural. Nos anos 20, o Japão participou da Liga das Nações, na qual foram feitos diversos acordos sobre desarmamento, a introdução do sufrágio universal masculino, além de adotar que a administração deveria ser feita pela regra do partido majoritário. Já na década de 1930, o Japão se retirou da Liga das Nações, iniciou uma série de agressões militares na China, dissolveu partidos políticos e desembocou no final da Guerra em Pearl Harbor.

Shuichi faz uma análise realista do motivo do imenso debate acerca do motivo da reversão tão rápida de uma nação com tendências progressistas se transformar radicalmente em uma nação extremamente militarizada com o ideal ultra-nacionalista. O autor conclui que ao mesmo tempo que tivemos uma rápida liberalização com as mesmas estruturas do final do século XIX - que remonta às bases da modernização do imperador Meiji, isto possibilitou também, dado que não houve atualização nas bases institucionais o rápido revés para uma estrutura militarizada com tendências extremistas.

Vale destacar aqui, que Duus (1968)³⁷ afirma que a partir dos anos 1910, podemos afirmar que os "established parties" tiveram um grande controle sobre o Parlamento e nos governos no poder. Assim, embora os partidos apoiassem os primeiros-ministros de 1913 a 1918 e em troca recebessem assistência deles em época de eleição, os líderes do partido tinham que assumir posições subordinadas no gabinete ou até mesmo ficar sem um posto ministerial.

Assim, Duus (1968) afirma que a Era Taisho (1912-26) foi marcada pelo

³⁷Para entender mais sobre o questão partidária na Era Taisho, sugere-se Duus(1968).

surgimento de dois grandes partidos, o Seiyukai³⁸ e o Kenseikai³⁹. Uma das características dos partidos políticos japoneses antes da guerra, frequentemente apontada por críticos e observadores casuais, era sua tendência constante em direção a fragmentação.

3.2.2 - A passagem para os anos 20 e a liberalização

Shuichi (1974) afirma que o Japão viu com a Primeira Guerra Mundial(1914-18) uma grande oportunidade de lucrar sendo um ofertante para as nações beligerantes, como veremos mais detalhadamente no próximo item. O autor faz uma estreita relação do crescimento industrial com o aumento do poder dos líderes empresariais das grandes companhias, que articularam estender sua influência para a esfera política apoiando alguns líderes liberais em oposição à velha oligarquia Meiji.

Aqui vale destacar o novo papel das lideranças de alguns partidos liberais: os líderes partidários começaram a representar grande parte dos interesses dos *businessman*, buscando: 1) promover cooperações internacionais, observando a possibilidade de proteger seus mercados; 2) corte do orçamento militar para que se buscasse um maior equilíbrio econômico das contas públicas; 3) o compromisso com o liberalismo da classe média.

O liberalismo japonês tinha vários expoentes em diferentes níveis, dentre os quais, destaca-se *Hara Kei*⁴⁰, *Ozaki Yukio* e *Inukai Tsuyoshi* que lutaram pelo sufrágio universal, além do famoso *Yoshino Sakuzo*, que exerceu muita influência em diversas esferas: dos estudantes universitários, professores, jornalistas e

³⁸O *Seiyūkai* (憲政友会, ou Associação Constitucional de Amizade Política) foi um dos principais partidos políticos do Império do Japão no pré-guerra. O *Seiyūkai* era uma aliança pró-governo de burocratas e ex-membros do *Kenseitō*. O *Seiyūkai* foi o partido político mais poderoso da Câmara Baixa da Dieta do Japão, de 1900 a 1921, e promoveu gastos públicos em grande escala. Era rotulado de "liberal" e tinha uma posição política de centro-direita.

³⁹ O *Kenseikai* (憲政会, ou, "Associação Constitucional") foi fundado em 10 de outubro de 1916, como uma fusão do *Rikken Dōshikai* (liderada por *Katō Takaaki*), *Chusseikai* (liderada por *Ozaki Yukio*) e do *Kōyū Club* (um pequeno grupo de oposição). O partido foi apoiado financeiramente pelo *zaibatsu* da Mitsubishi, devido a laços familiares com *Katō Takaaki*.

⁴⁰*Hara Kei* foi um político japonês e o 10º Primeiro Ministro do Japão de 29 de setembro de 1918 até seu assassinato em 4 de novembro de 1921. Ele foi o primeiro plebeu nomeado para o cargo de primeiro-ministro do Japão, dando-lhe o título informal de "primeiro-ministro comum". Duus(1968) afirma que a nomeação de Hara não marcou uma ruptura clara com o passado, mas estabeleceu um precedente e fortaleceu a crença dos líderes do outro partido de que o surgimento de gabinetes partidários fazia parte das "tendências dos tempos".

formadores de opinião da classe média⁴¹.

3.3 - A IGG e o Japão

3.3.1 - Introdução: a IGG como um marco

É consensual que a Primeira Guerra Mundial é um marco na História Econômica do Japão. Desde estudos mais antigos até estudos recentes como de Shizume (2017) mostram que a estratégia do Japão foi bem-sucedida, do ponto de vista econômico, das relações internacionais - se analisado do ponto de vista japonês e das estratégias de busca da soberania nacional que analisamos anteriormente. Dickinson (2013) caracteriza brevemente o papel do Japão na Primeira Guerra Mundial:

“O Japão desempenhou um papel de apoio crítico para a Entente na Primeira Guerra Mundial. Ejetou forças alemãs de Qingdao, China e da Micronésia alemã no Pacífico Sul, protegendo comboios de tropas australianas e neozelandesas do Pacífico para Aden, caçando submarinos alemães no Mediterrâneo. e forneceu transporte, cobre, munições (incluindo 600.000 rifles para a Rússia) e quase 640 milhões em empréstimos para seus aliados” (Dickinson,2013)⁴²

Dickinson (2013) nos mostra que as perdas humanas e econômicas para o Japão foram irrisórias, entretanto, os benefícios econômicos foram consideráveis. Ishii (2012) afirma que na década de 1910, a indústria japonesa sofre uma considerável mudança. O autor traz alguns dados interessantes acerca do crescimento de alguns setores da economia japonesa, baseados na estimativa da produção doméstica líquida por setor industrial: O crescimento do setor de transportes, comunicação e serviços públicos ficou em torno de 4 a 6 vezes, o setor minerador em 4 vezes, o setor de agricultura e piscicultura cresceu quase 6 vezes. No entanto, o peso da mineração e fabricação não excedeu o da agricultura, silvicultura e pesca.

⁴¹Kato entra em uma discussão que acreditamos ser interessante a reflexão. O liberalismo de Yoshino foi cunhado por ser um *minpon-shugi*, ou seja, um governo do povo, com algumas propostas de melhorias sociais, mas sem nenhum tipo de proposta de mudança estrutural dos governos, fato este que levou a muitas lideranças a ficarem insatisfeitas com a posição de Yoshino. Assim, muitos intelectuais acabaram tomando o marxismo como uma visão de análise predominante.

⁴² Tradução minha de Dickinson(2013).

Na indústria de mineração e manufatura, a indústria pesada - metal, máquinas e química teve um crescimento estrondoso, ultrapassou o crescimento da indústria alimentícia e pressionou o grande setor da indústria têxtil. Já a respeito do crescimento da indústria pesada por influência da Primeira Guerra, as potências centrais começaram a demandar a importação destes produtos, mas diferentemente da leitura de que com o fim da guerra houve um declínio de toda a base criada, argumenta-se que o boom do período da guerra foi importante para o crescimento nos anos seguintes.

Assim para o Japão, a Primeira Guerra Mundial foi o ponto de partida de uma transição de estado essencialmente agrícola para industrial e de regional para poder mundial. Mais importante ainda, para o Japão, assim como para a Europa e os Estados Unidos, a Primeira Guerra Mundial marcou um afastamento decisivo do século XIX.

3.3.2 - A transição do Japão: pós-1914

3.3.2.1- Introdução

Shuichi (1974) afirma que o governo japonês viu na Primeira Guerra Mundial uma possibilidade de estender sua influência sob o continente asiático, visto que as potências europeias estavam engajadas em questões da guerra, e com exceção dos EUA, estavam atadas para quaisquer movimentos à Ásia.

Assim, o Japão ocupou a Península de Shantung em 1914, mandou um ultimato com 21 demandas à China em 1915, interviu militarmente na Sibéria (1919-22), renovou sua intervenção em Shantung em 1927, e começou o movimento rumo à Manchúria.

Estes movimentos, que o Exército seguia com certa liberdade para atuar e intervir não foram apoiados unanimemente pelos líderes japoneses, mas o governo era unânime apenas em dois pontos: 1) a necessidade de expansão era necessária uma vez que a fraca posição se comparada aos países europeus incomodava as lideranças japonesas; 2) não se tinha dimensionado a ascensão do nacionalismo chinês pós-1910 e suas graves consequências.

3.3.2.2- Antecedentes do crescimento do Japão no cenário internacional

É evidente que a vitória japonesa na Guerra Russo-Japonesa em 1905 pode ser considerada um marco para a projeção japonesa no cenário internacional, uma vez que a derrota russa significou a tendência declinante de um Império de proporções continentais, que tinha um papel importante nas relações internacionais na Ásia no século XIX. Entretanto, buscaremos reunir argumentos que mostrem que a série de estratégias tomadas pelo Japão com o *start* da Primeira Guerra Mundial pode ser considerada como o grande fator consolidador da hegemonia japonesa na Ásia no começo do século XX.

Dickinson (2013) afirma que a PGM trouxe uma mudança estrutural considerável. A PGM marcou, segundo o autor, a passagem de um Império regional para uma das maiores potências industriais do mundo. O autor afirma que os pedidos vindos de Londres para que o Japão fosse o responsável por destruir alguns navios armados dos alemães mostrava como que os Aliados enxergavam o Japão em 1914: um Império com poder e autonomia.

O Japão foi além do pedido de Londres, na medida em que estes expulsaram os alemães dos seguintes territórios asiáticos em meados de 1914: 1) Qindao, 2) da China; 3) da Micronésia. Além disso, dado o caos na Europa em 1915, o Japão negociou uma série de tratados com a China que garantiram um grande espaço político, militar e econômico - o Japão efetuou empréstimos consideráveis em 1917 - com os chamados "empréstimos de *Nishihara*", na China desde a Guerra do Ópio.

Beasley (1987) destaca que as "21 demandas" impostas pelo Japão foram um dos motivos que levaram a guinada no pós 1914, por isso, apresentaremos o que se tratou estas demandas e como o Japão se utilizou deste artifício.

O ponto de partida foi alguns memorandos sobre políticas na China, criadas pelo Ministro das Relações Exteriores do Japão em 1912-13, *Abe Moritaro*. A pauta destes documentos era que o Japão deveria avançar com cautela na China, não deixando de lado seus objetivos. *Moritaro*⁴³ apontou que a busca destes interesses deveria ser feita de maneira pacífica, mas a atenção sobre os representantes japoneses na Manchúria - leia-se dos militares, deveria ser constante. O ministro tinha planos audaciosos: 1) estender o domínio sobre a SMR - *South Manchuria Railway* - que será tratada no próximo capítulo; 2) seria desejável que as atividades

⁴³ Chamaremos de Moritaro, para que não haja confusão com o ministro Shinzo Abe.

econômicas do Japão penetrassem o norte da Manchúria e a região oeste da Mongólia; 3) relações comerciais e industriais sino-japonesas deveriam ser intensificadas; 4) organizações financeiras deveriam ser estruturadas e fortalecidas, de modo a fornecer empréstimos.

Os memorandos que começaram com o Moritaro deram início a uma série de discussões acerca de qual papel o Japão deveria tomar frente a sua vizinhança, desde posições que apoiassem uma estratégia agressiva de avanço de uma base militar para a região da Manchúria, até posições mais diplomáticas - por vias de financiamentos e apoio administrativo.

As lideranças do governo Taisho travaram diversas conversas com o Imperador Yuan Shihkai, utilizando argumentos de que a união das forças entre China e Japão deveria ser feita, em vista dos laços de proximidade, como mostra Beasley:

“Ele(Yuan) acreditava que "a China, como o Japão, é da raça amarela e não deveria fazer amigos de europeus e americanos que são da raça branca". O Japão e a China devem esperar enfrentar "adversários brancos mais poderosos" depois da guerra. Em tal situação, eles claramente precisam ficar juntos.”(Beasley, 1987)

Beasley (1987) afirma que o Ministro japonês *Hioki Eki* tratou de vários assuntos com o Imperador *Yuan Shihkai*, na qual os temas tratados foram: 1) o contrato de arrendamento de Kwantung, 2) várias questões ferroviárias relativas à Manchúria,3) direitos de residência para os japoneses, 4) concessões ferroviárias adicionais em *Chekiang e Kiangsi*.

O resultado destas conversas foi as 21 Demandas, que foi consequência de um encontro com o ministro *Takaaki, Hioki* e o ministro *Koike Chozo* - que substituiu o ministro Moritaro, na qual buscou-se propostas para se colocar um programa de políticas para a China, e que deveria ser apresentada ao Imperador *Yuan*.

O motivo de termos destacado o plano por trás desta demanda japonesa é que Beasley(1987) afirma que estas “demandas” que mais podem ser lidas como imposições tinha claros elementos da política imperialista japonesa. E estas demandas seguiram a risca as prévias que vinha sendo discutidas, e teve duas

vertentes.

A primeira, diz respeito a Manchúria e a região da Mongólia. O Japão conseguiu estender a concessão de algumas regiões, além dos japoneses adquirirem direito de terem terras na Manchúria, além de poderem realizar operações de mineração. Beasley (1987) vai adiante e afirma que os ministros japoneses colocaram as seguintes propostas, na qual 1) para novos empréstimos estrangeiros ou construção de estradas de ferro na região deveriam estar sujeitas a consentimento prévio japonês; 2) administração chinesa deveria dar preferência aos japoneses como consultores políticos, militares e financeiros. Em suma, a Manchúria deveria ser submetida à tutela japonesa, assim como a Coreia havia sido em 1904-5.

O segundo conjunto de cláusula dizia respeito a posição que o Japão almejava alcançar dentro do sistema portuário na China. Beasley(1987) afirma que o Japão queria ter direito de voto em alguns complexos de carvão e aço em Hanyehping, ao mesmo tempo, que se reivindicou algumas concessões ferroviárias em pontos estratégicos como Nanchang, e assim, todo esse movimento pode ser visto como uma simples transferência de privilégios, da Alemanha para o Japão, como afirma Beasley;

“A reivindicação dos privilégios alemães em Shantung, juntamente com a modesta extensão deles, não era realmente nova, na medida em que não era mais do que a transferência de um poder de tratado para outro de um tipo de vantagem ao qual o sistema em geral já acomodados.”(Beasley, 1987)

Assim, o Japão declarou guerra à Alemanha em meados de Agosto de 1914 e moveu para Shantung, já com seus planos em mente. O imperador Yuan Shihkai começou a sentir-se pressionado com a presença japonesa, uma vez que este acreditava que pela questão de forças, os europeus não aceitariam que o Japão tomasse o lugar da Alemanha. Dado que as potências europeias estavam com todos os esforços e atenções aos conflitos no Ocidente, nenhuma das potências deram atenção para o movimento japonês à China. Yuan Shihkai começou a

preparar a retirada forçada das tropas japonesas da região de Shantung, e em meados de Janeiro de 1915, Yuan excluiu a zona de guerra de Shantung, e assim, Hioki apresentou as 21 demandas.

Beasley (1987) afirma, como podemos verificar abaixo que a busca destes privilégios tinha objetivo claríssimos:

“Este foi, com efeito, um modelo para a versão portuária do imperialismo japonês: uma esfera de influência na Manchúria, expandindo-se gradualmente; e privilégio econômico no resto da China, amplamente definido pelo Política de Portas Abertas e as operações do consórcio internacional de bancos. (Beasley, 1987) ⁴⁴”

Com relação à Manchúria, algumas limitações a utilização de direitos de terra foram retiradas e os japoneses receberam o direito de alugar, mas não de possuir as terras. Acordos sobre mineração foram declarados em notas separadas, assim como aquelas sobre empréstimos estrangeiros e consultores estrangeiros, deixando para a China decidir se isso seria necessário.

Já a Mongólia Interior Oriental deveria ser aberta ao comércio, mas nada mais. Quanto à Shantung, a China concordou em transferir os direitos alemães para o Japão, construir uma ferrovia para Chefoo, usando um empréstimo japonês, e aumentar a abrangência nos quais o comércio poderia ser realizado.

3.3.2.2 - O pós-21 demandas, a projeção do Japão e a coprosperidade

Beasley (1987) afirma que o pós-1915 foi o período que o imperialismo japonês consolidou seus ganhos com as 21 demandas, principalmente do ponto de vista econômico, na medida que o Império do Japão começou a ter privilégios sobre a Manchúria e Shantung.

Ao mesmo tempo que o Japão impôs às 21 demandas para a China, Beasley (1987) sinaliza que do ponto de vista diplomático, o Japão começou a pressionar as potências a reconhecerem os tratados Sino-japonês de 1915, utilizando como

⁴⁴ Tradução minha de Beasley(1987)

argumento a contribuição japonesa no enfraquecimento alemão na Ásia.⁴⁵

Podemos colocar, do ponto de vista das relações internacionais uma clara projeção do Japão no cenário internacional com a imposição das demandas à China. Além disso, discutiremos brevemente o *nanshin*, que ficou conhecido como o avanço do Japão em direção ao sul da Ásia, aproveitando a pouca importância que as potências europeias estavam despendendo com as ilhas no Pacífico.

Em outubro de 1914, o Japão avançou em direção à Kiaochow, à algumas ilhas alemãs do Pacífico, e a uma série de ilhas - Mariana, Palau, Marshall. A expectativa, segundo Beasley (1987) era que estas ilhas se tornassem do Japão ao final da guerra.

Beasley (1987) destaca que os ativos econômicos destas ilhas do sudeste Asiático, isoladamente, era insignificante, pensando no Japão como possuidor da Coreia e com influência na Mongólia e na Manchúria.

Entretanto, a estratégia de combinar o avanço sobre estas bases com as demais áreas de influência estimulou, sob a nossa interpretação, o interesse japonês em criar um cordão de influência tão incentivado desde o final do século XIX com o ministro Aritomo.

No pós-1916, o Japão continuou cada vez mais influente no circuito político chinês, e essa influência se intensificou, com a morte do imperador Yuan Shihkai no mesmo ano. Dickinson (2013) afirma que a série de empréstimos feitos à China em 1917 deu ao Império do Japão uma nova influência político-econômica em Beijing.

Em questões quantitativas, a PGM trouxe mudanças estruturais, compara Dickinson (2013) parecidas com a Revolução Meiji. A PGM não trouxe uma infraestrutura revolucionária, mas realizou uma transição de uma potência regional para uma potência industrial mundial, que como já reiterado, ofertou produtos industriais às nações beligerantes, da mesma forma que os EUA o fizeram.

Beasley (1987) e a literatura japonesa destacam que o *Nishihara shakkan*⁴⁶ foi o exemplo representativo da maneira que as 21 demandas e a projeção da cooperação podem ser vistas no imperialismo japonês.

⁴⁵ Beasley(1987) destaca que em meados de 1917, o Japão havia colocado em xeque o reconhecimento dos EUA frente às medidas.

⁴⁶ O *Nishihara Shakkan*, do japonês, empréstimos de Nishihara que ocorreram entre 1917-18 à China.

O *Nishihara shakkan* foi elaborado pelo ministro japonês Terauchi Masatake e auxiliado pelo *businessman* Nishihara Kamezo, que foi pessoalmente à China negociar 145 milhões de ienes com o primeiro ministro da China. A literatura, baseada em *Miyazaki Ichisa*, afirma que o real objetivo dos empréstimos tinha um cunho político a fim de ajudar Duan Qirui em sua guerra civil a superar seus rivais pelo controle do norte da China.

Em troca desse apoio financeiro, o Japão recebeu a confirmação de suas reivindicações à antiga concessão da Baía de Kiautschou na Província de Shandong, controle das ferrovias na província de Shandong e direitos adicionais na Manchúria.

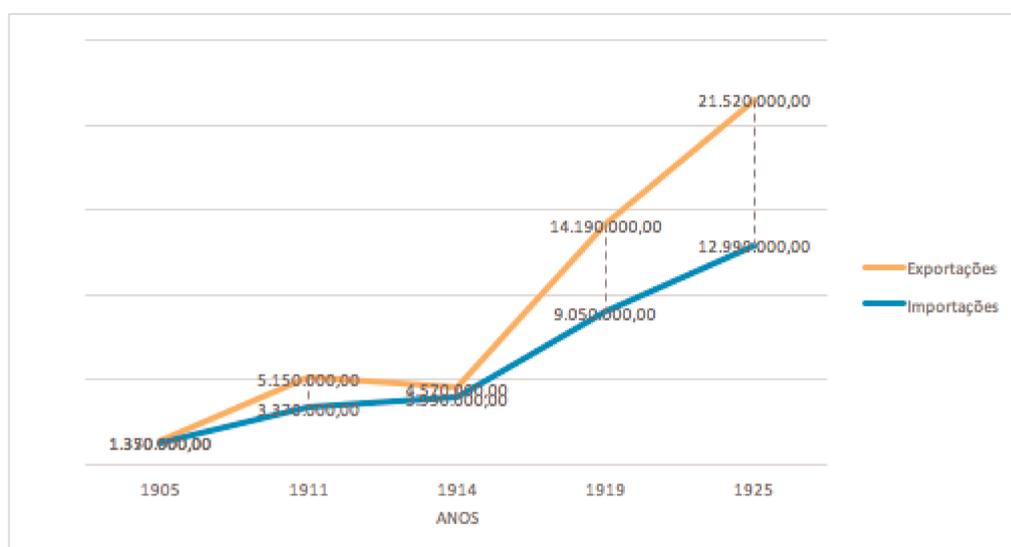
Beasley(1987), por sua vez, afirma que estas ações tinham como objetivo criar um “*Sino-Japanese bloc*”, na qual concluiria a estratégia de cordão, agora sob a China, na qual o Japão teria acesso a matérias-primas chinesas, em especial , carvão, ferro e algodão.

3.4. A industrialização e as relações com as colônias

3.4.1 - Análises quantitativas de comércio e balança comercial

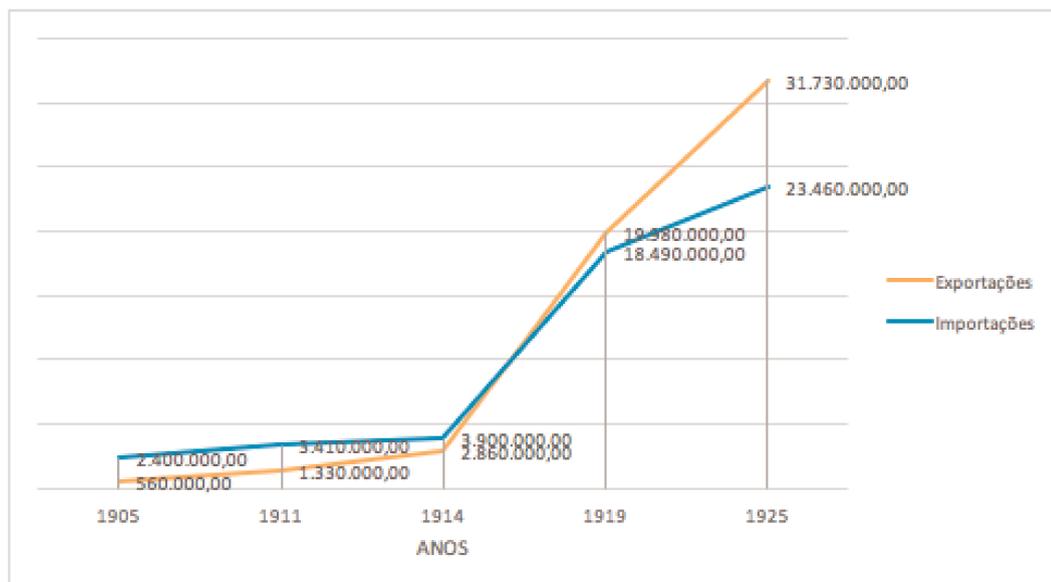
Como podemos observar nos gráficos abaixo, o Japão apresenta uma expansão da relação exportação (X) e importação (M) entre as três principais zonas de interesse japonês com o passar dos anos. A grande expansão ocorrida no pós-1914 evidencia a nossa discussão nos itens anteriores deste capítulo, na medida que o caráter de ofertante de produtos manufaturados para as nações beligerantes - os países ocidentais industrializados se dedicavam a guerra, fez com que se aumentasse a demanda por matérias-primas e por alimentos para suprir a indústria crescente dentro do Japão - Gordon(2004) destaca que muitas regiões dentro do Japão tiveram um *boom* urbano à medida que se demandava mais trabalho e mão de obra dada a demanda mundial.

Gráfico 1 - Exportação e Importação com Coreia em mil ienes



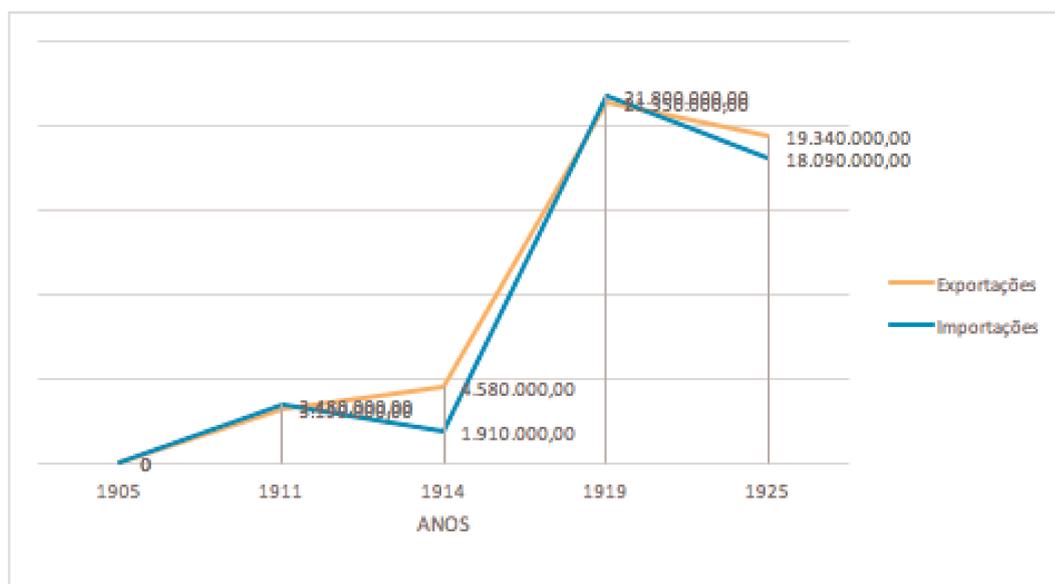
Fonte: Hori (2010), gráfico elaboração própria.

Gráfico 2- Exportação e Importação com Taiwan em mil ienes



Fonte: Hori (2010), gráfico elaboração própria.

Gráfico 3 - Exportação e Importação com Manchúria em mil ienes



Fonte: Hori (2010), gráfico elaboração própria.

Ao mesmo tempo, dentro do debate japonês, Hori (2010) mostra uma perspectiva que transcende a ideia de Gordon(2004) e nos aproxima das intenções deste trabalho, em que se explora como a rápida industrialização japonesa fez mudar os padrões internos do Japão, mas também, como o movimento de desenvolvimento do capitalismo no Japão e seu caminhar intrínseco com o imperialismo levou a formação do capitalismo no Leste Asiático e a sua relação com as colônias⁴⁷, como podemos ver na seguinte passagem:

“Este estudo destaca o fato de que o capitalismo que nasceu no Japão se expandiu para as regiões vizinhas, mudando as sociedades dessas áreas. Além disso, a expansão para os países vizinhos afetou as características do capitalismo no Japão continental. (Hori, 2010)”⁴⁸

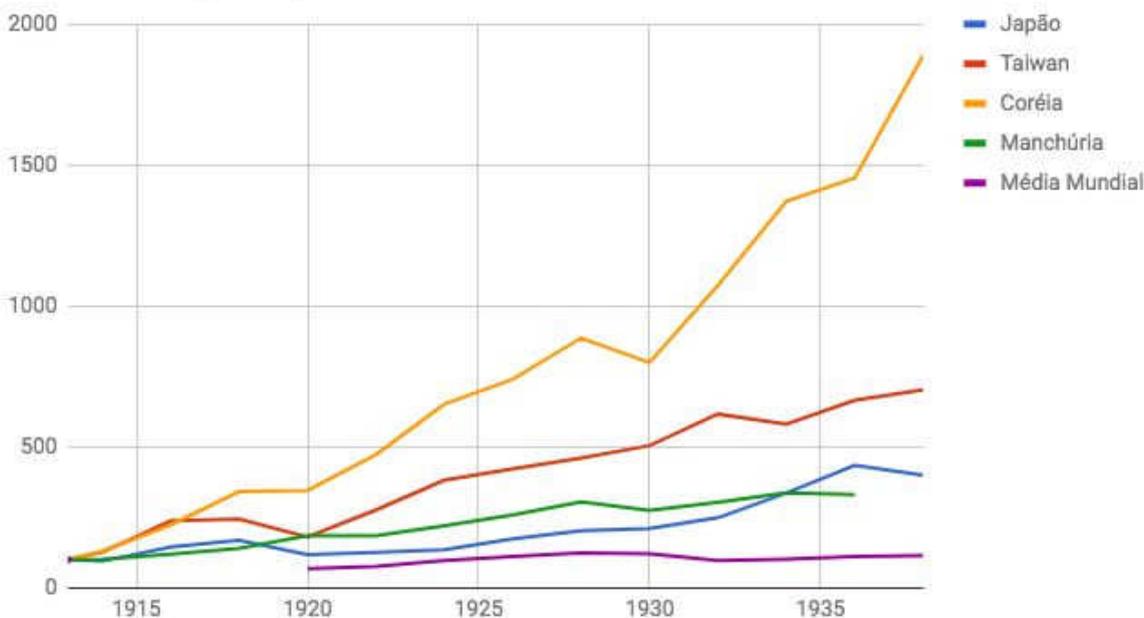
Hori (2010) mostra uma tabela comparativa em que destaca o crescimento considerável das exportações reais dos países que tinham vínculo, à priori, com o Império do Japão e que se tornam colônias, à posterior, como Taiwan, Coreia e a Manchúria, como podemos ver a abaixo.

Gráfico 4 : Crescimento das exportações em índices reais

⁴⁷Apesar de pouco discutido ou disseminado, Hori (2010) afirma que antes da Segunda Guerra Mundial (1939-45), uma economia de mercado baseada na industrialização foi criada na China.

⁴⁸Tradução minha de Hori(2010)

Índice de exportações reais



Fonte: Hori(2010), elaboração própria

O gráfico 4 mostra como as relações entre o Japão e as colônias se intensificam, a partir da década de 1910, tomando como o ano de 1913 com 100 pontos-base. E a partir deste gráfico, a questão que salta aos olhos é se o crescimento das exportações das colônias até 1937 se dá exclusivamente com entre o Império ou destina-se a outras localidades. Assim, pode-se concluir que, dado que a partir de 1910 - Coreia e Taiwan já fazem parte do Império oficialmente, e mesmo antes da criação de *Manchukuo*, o Japão já tinha algumas bases econômicas e políticas na Manchúria, o gráfico considera as relações do Império internamente e externamente.

Um ponto que devemos chamar a atenção. e que é ressaltado em Hori (2010) é como se deu a divisão das importações do Japão e suas colônias indiretas e diretas com relação a matérias-primas, alimentos, produtos industrializados.⁴⁹

⁴⁹Destacaremos adiante como a indústria teve uma maior participação, a partir dos anos 1910. Por ora, mostraremos a premissa da necessidade de importação de alimentos pelos japoneses, e desmistificar a idéia de que um dos motivos para saída rumo ao imperialismo foi devido a necessidade restrita de matérias-primas industriais.

Tabela 5 - Importações nominais de Taiwan, Coréia e Manchúria

	Alimentos	Combustível	Bens de capital	Matérias-primas	Bens intermediários	Bens de consumo	Total em milhões de ienes
1914–1918	59	1	1	12	27	0	193
1919–1924	66	2	0	8	24	1	529
1925–1929	70	4	0	7	18	2	708
1930–1934	69	4	0	8	17	2	681
1935–1939	58	3	0	15	21	3	1351

Fonte: Hori(2010)

Aqui colocamos um ponto que a literatura coloca como relação trivial ou até mesmo consensual com relação às principais motivações do imperialismo japonês, em que o Japão saiu rumo ao imperialismo buscando matérias-primas. Podemos, pelos dados fornecidos por Hori (2010) concluir que o Japão usou as colônias como fornecedoras de alimentos e produtos primários, como algodão e seda, e não, a priori, matérias-primas industriais, como exposto na seguinte passagem:

“Na verdade, o Japão importou a maior parte de suas matérias-primas de áreas diferentes da Europa e da América do Norte. Por outro lado, a proporção de matérias-primas importadas das três colônias são apenas 15% na melhor das hipóteses. Em vez disso, as proporções de produtos alimentares (produtos agrícolas e alimentos processados - principalmente arroz, açúcar e soja) são extremamente elevados. Especialmente antes da Primeira Guerra Mundial, as matérias-primas industriais haviam sido importadas para o Japão de todo o mundo, por suas qualidades e preços baixos. Como

fornecedores de matérias-primas industriais, os papéis das colônias são relativamente limitados.” (Hori, 2010)

Assim, Hori (2010) se baseia em Kawakita para negar o argumento de que a política colonial era alterada devido ao aumento da demanda por matérias-primas pela indústria pesadas.

Capítulo 4 - Os anos 20 e início da Era Showa (1925-1989)

4.1 - Economia e política nos anos 1920

4.1.1 - Introdução: panorama até os anos 20

Como sinalizou Ishii(2013), as guerras trouxeram algumas despesas para o Império do Japão, principalmente quando observa-se o balanço de pagamentos do Japão na década de 1910. Allen (1980) afirma que os *policymakers* se questionavam como o Japão poderia manter o equilíbrio em sua balança de pagamentos e, ao mesmo tempo, continuar com seus esquemas de expansão econômica e territorial.

Allen (1980) afirma que podemos observar que a eclosão da Primeira Guerra Mundial deixou a preocupação da questão dos déficits na balança de pagamentos temporariamente de lado, como também resolveu por algum tempo os problemas de câmbio e moeda.

Devemos lembrar que depois de meados de 1915, as demandas urgentes referentes à necessidade por bens e serviços de navegação japonesa começou a surgir do lado dos Aliados, ao mesmo tempo que outros países demandaram fornecimento de bens manufaturados. Conseqüentemente, a taxa de avanço industrial cresceu rapidamente juntamente com a exportações de bens manufaturados. Segundo alguns números levantados por Allen (1980), a quantidade das exportações de commodities aumentou em mais de um por cento entre 1913 e 1919; em valor eles mais que triplicaram, resultando em uma balança comercial favorável.

Desta forma, o excedente do Japão em sua conta corrente durante os quatro anos de guerra foi enorme e, em 1919, ela havia se transformado de devedora em país credor. No entanto, até agora comprometido, o governo havia se voltado para o estímulo às exportações, que, mesmo durante esse período, a política de oferecer assistência especial a elas foi mantida. O Japão, sem dúvida, esperava que sua posição em mercados dos quais os competidores tivessem sido temporariamente removidos pudesse se tornar permanente.

Allen (1980) afirma que a maior parte do comércio exterior do Japão continuou a ser financiada por Londres, e conforme podemos observar no trecho abaixo, mostra-se números que mostram um avanço japonês, no que diz respeito ao estoque de ouro e a reversão dos saldos externos:

“A partir de 1916 e em diante seu saldo de endividamento foi liquidado por meio de remessas de espécies provenientes dos Estados Unidos. Como resultado, as reservas de ouro detidas pelo Japão aumentou de 129 milhões de ienes em dezembro de 1914 para 228 milhões de ienes em dezembro de 1916. Enquanto isso, a tendência de queda dos saldos externos foi revertida; de 213 milhões de ienes em dezembro de 1914 eles subiram para 487 milhões de ienes em Dezembro de 1916. O fluxo de espécies para o Japão continuou até setembro de 1917, quando os Estados Unidos fizeram um embargo a exportação de ouro. Daquela época em diante, os pagamentos líquidos ao crédito do Japão se acumularam em Nova York. Os saldos subiram de 487 milhões de ienes em dezembro de 1916 para 1355 milhões de ienes em dezembro de 1919.” (Allen, 1980)

4.1.2 - O revés: Crise financeira dos anos 20

4.1.2.1 - Introdução

Takafusa(1988) vai na linha da literatura que afirma dos grandes feitos econômicos que a Primeira Guerra Mundial trouxe para o Japão. Os produtos japoneses penetraram em grande parte dos mercados mundo afora, dando origem a uma legião de empresas japonesas, sendo que ao mesmo tempo, dentro do Japão, o que mais se ouvia era, segundo Takafusa, "o som dos martelos batendo em meio às fábricas que se multiplicavam".

Mas, se o Japão ia tão bem, qual seria o motivo do título ser crise financeira? Takafusa e os demais debatedores afirmam que assim como a Primeira Guerra terminou em 1918, do mesmo modo o *boom* se encerrou, deixando uma deflação e a crise que se estendeu na década de 1920.

Inoue (1935) afirma que o então diretor⁵⁰ do Banco do Japão Junnosuke Inoue fez uma declaração alertando para os perigos da expansão da especulação dos preços das commodities:

"Temos que ser cautelosos com alguns dos sintomas preocupantes que acompanham este boom. Nós vemos uma especulação generalizada em todos os mercados de commodities. Entre as novas empresas, muitas foram criadas apenas para buscar ganhos de capital sem estratégias claras ou planos operacionais"(INOUE, 1935)

Os *policymakers* queriam seguir à risca o que o Reino Unido e os Estados Unidos buscavam: retornar ao padrão ouro nos mesmos moldes de antes da Primeira Guerra, fato que só se realizou no pós-*Crack* da bolsa em 1929. A economia japonesa foi constrangida constantemente pela deflação mundial, e assim, com o passar do tempo, todo o excesso de reservas acumulado com o *boom* da Primeira Guerra foi consumido, levando o governo japonês a executar uma série de políticas de austeridade.

50

Traduzimos por diretor, mas o que se tinha era o "governador" do Banco do Japão

Para agravar a situação, como desde na Era Meiji o Japão trabalhava com cenários em que as tendências inflacionárias, no momento que as pressões deflacionárias começaram a exercer influência, atingiu fortemente desde as empresas pesadas e químicas, as empresas recém-criadas com o boom e até a agricultura que enfrentava a competição das colônias e das zonas de influência.

Takafusa (1988) afirma que o mercado de ações de Tóquio no início da década de 1920 sofreu com o revés econômico trazendo muita incerteza que resultou em um certo pânico para os mercados, e assim, o governo e o Banco do Japão trabalharam em conjunto para amenizar os nervos dos investidores.

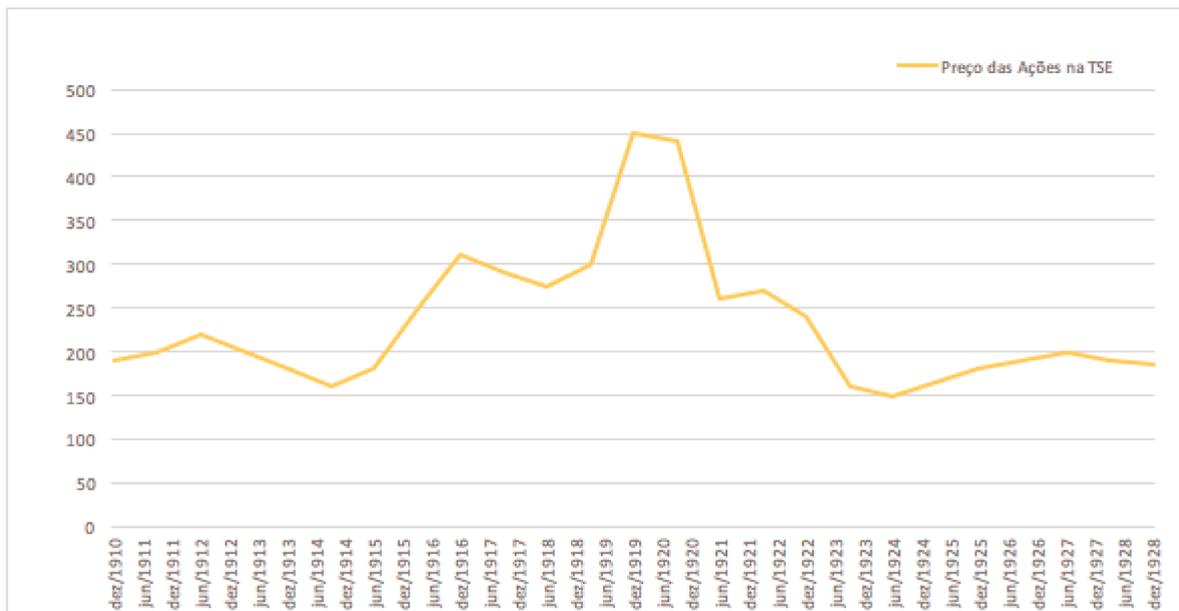
Buscamos na contribuição do professor Shizume (2016) da *Waseda University* entender e explicar brevemente o papel dos Banco Central na condução das crises financeiras que antecederam a Grande Depressão de 1929.

Takafusa (1988) aponta que a especulação dos anos 1920 foi prejudicial para algumas empresas como afirma Shizume(2016), mas Takafusa(1988) pontua que as empresas pequenas foram as que mais sofreram neste período, abrindo espaço para que os *zaibatsus* mais poderosos, como *Mitsui*, *Mitsubishi* se aproveitassem, dado que estes não sofriam grandes oscilações com a especulação do mercado.

4.1.2.2 - Os primeiros anos da década de 1920: da especulação ao *Earthquake Bill Facility*

Shizume(2016) cunha o biênio 1920-22 de "Pânico financeiro crônico", uma vez que temos uma reviravolta, como tratado acima, de três variáveis-chave que se mantiveram estagnadas: 1) preço das commodities; 2) ações das companhias; 3) imóveis. Shizume traz uma análise de como os preços médios das empresas listadas na *Tokyo Stock Exchange* em 1919 variou frente a virada da década e como essa série temporal oscila. O gráfico abaixo ilustra essa oscilação:

Gráfico 5 - Preço das ações na *Tokyo Stock Exchange*



Fonte: Shizume(2016), com base em Asahi(1930)

Podemos observar que o “período de pânico” temos um pico do preço das ações das empresas listadas na *TSE*, na qual tivemos em meados de 1920 um pico de 452 ienes, e uma queda considerável para níveis de 260 em 1928. Shizume(2016) afirma que as empresas que estavam envolvidas em especulações sofreram com perda de liquidez, na qual alguns bancos faliram dada sua estratégia especulativa. Podemos destacar o papel do Banco do Japão (BOJ) como um agente que socorreu os bancos e as instituições que não foram bem sucedida neste processo especulativo na virada da década. O BOJ criou vários empréstimos especiais para tentar amenizar as tensões.

1922 foi um ano que levou o mercado financeiro de Tóquio à um cenário de incerteza, devido a falência de uma companhia local, a *Ishii Corporation*, acendendo o alerta para certos bancos, que suspenderam suas operações por tempo indeterminado, ao mesmo tempo que o BOJ estendeu seus empréstimos especiais. Shizume (2016) afirma que o governo reforçou as regulamentações sobre bancos de ao promulgar a Lei do Banco de Poupança de 1921, e iniciou reformas no sistema financeiro como um todo, inclusive para os bancos ordinários maiores.

Takafusa (1988) e Shizume (2016) destacam que os mercados e os investidores achavam que a intervenção do BOJ, mas um evento natural

imprevisível arrastou o Japão em 1923 atingiu a capital Tóquio e as regiões adjacentes de Yokohama - polos industriais e administrativos do Japão. O terremoto em Tóquio foi devastador do ponto de vista econômico, social e humano, na qual ocorreram quase 100 mil mortes, 10 mil pessoas desaparecidas e mais de 50 mil pessoas machucadas.

Desta forma, em 7 de setembro, o Banco do Japão e o governo promulgaram uma decreto emergencial que impôs uma moratória que permitia o adiamento dos pagamentos devidos a partir da promulgação deste decreto para as áreas afetadas pelo terremoto. Claramente, ao se aproximar o prazo para o pagamento, um grande número de devedores ainda não conseguia pagar suas dívidas e os bancos que mantinham empréstimos a tais devedores estavam preocupados com possíveis movimentações em seus depósitos.

Vendo esta situação, logo no final do mês, o governo promulgou outro decreto de emergência que permitia ao BOJ descontar as faturas emitidas e ou pagas pelas vítimas do terremoto, no chamado *Earthquake Bill Facility*. No plano *Earthquake Bill Facility*, o governo indenizaria o BOJ por quaisquer perdas incorridas no novo desconto de títulos e outros papéis pagáveis nas áreas afetadas para um teto de 100 milhões de ienes.

Shizume(2016) destaca que este fator inadimplemento afetou alguns bancos como o Banco de Taiwan e o Banco da Coréia que desde o estreitamento de laços políticos-econômicos começaram a fazer empréstimos para empresas japonesas, como no caso da Suzuki and Company, na qual o Banco de Taiwan aumentou os empréstimos para empresas relacionadas a Taiwan, como a Suzuki, uma trading house de Kobe, proprietária de fábricas de cânfora e usinas de açúcar, e importando esses itens de Taiwan. Assim, a Suzuki se saiu muito bem durante a guerra, mas sofreu um fraco desempenho no pós-guerra em 1920. Enquanto o Banco de Taiwan tentava socorrer a Suzuki, a Suzuki continuava inclinada a se envolver em negócios cada vez mais especulativos e arriscados.

Desta maneira, Shizume(2016) afirma que os empréstimos se tornaram mais um problema do risco moral, e o desconto dos EBs acabou sendo um meio de alívio para os bancos insolventes, contrariando seu propósito original - que tinha como

objetivo postergar os pagamentos das áreas atingidas pelo terremoto.

Na verdade, foram sendo postergados os pagamentos, mas ao mesmo tempo, as empresas contempladas estavam inclinadas a se envolverem com níveis de especulação cada vez maiores. E assim, o BOJ não foi capaz de encontrar uma saída para empréstimos enraizadas. A liquidação não ocorreu da maneira que fora planejado, devido à pressão política, e a taxa de desconto dos EBs foi reduzida para o mesmo nível da taxa de desconto ordinária em dezembro de 1924, e o prazo de pagamento foi prorrogado duas vezes, uma em março de 1925 e novamente em março de 1926, e finalmente previsto para 30 de setembro de 1927, sendo que a grande crise financeira de 1927 teve como um dos seus fatores os EBs.

4.1.2.3 - A crise financeira de 1927 e suas consequências econômicas

4.1.2.3.1 - O motivo da crise financeira de 1927

Takafusa(1988) e Shizume(2016) convergem afirmando que a crise financeira ao ser analisada de maneira isolada, tem como denominador comum as *Earthquake Bill Facility*. Shizume(2016) traz em detalhes mais minuciosos o processo que desencadeou todo o pânico que se converteu na crise financeira de 1927.

O pânico financeiro teve início quando o ministro das finanças fez uma declaração errônea que despertou a incerteza do mercado e rapidamente, como reproduz Shizume(2016):

“O ministro das Finanças, Naoharu Kataoka, em 14 de março, no comitê de orçamento da Câmara dos Deputados. Ele afirmou: "Por uma questão de fato, Watanabe Bank em Tóquio finalmente faliu ao meio-dia de hoje," apesar de Watanabe Bank ainda não ter falhado.”(Shizume,2016)⁵¹

Assim, afirma Shizume(2016) que o Gabinete rapidamente emitiu uma emenda emergencial autorizando que o BOJ a providenciar recursos para apoiar o Banco de Taiwan - que conforme destacamos acima, passava por problemas de recebimento, dado que as empresas com as quais estes fizeram empréstimos não

⁵¹Tradução minha de Shizume(2016)

estava honrando com seus pagamentos.

O Conselho Privado, órgão investido com a autoridade para aprovar o decreto de emergência, politizou o plano do gabinete e o rejeitou em 17 de abril. Em seguida, o pânico financeiro espalhou-se por todo o país e o governo declarou uma moratória aos pagamentos, declarando feriado bancário de 22 de abril até 13 de maio.

Desta maneira, o BOJ ampliou seu crédito de 506 milhões de ienes em 8 de abril para 2 096 milhões de ienes em 25 de abril. Finalmente, o pânico diminuiu, mas Takafusa(1988) afirma que a tendência declinante das empresas privadas continuou, com diversas falências, com uma diminuição considerável dos bancos comerciais, na qual mostraremos a seguir no item 4.1.2.3.2.

4.2.2.3.2 - As consequências da crise financeira de 1927

Shizume (2016) afirma que temos três grandes consequências da crise financeira de 1927: 1) a aceleração das reformas do sistema financeiro ; 2) a redução considerável dos números de bancos comerciais; 3) algumas implicações para política monetária.

Shizume (2016) afirma que a aceleração das reformas do sistema financeiro, pode ser resumida como um grande progresso em direção à resolução da instabilidade financeira da década de 1920 foi feito em 1927, quando as reformas estruturais no setor bancário ganharam impulso em sintonia com as medidas para se desfazer dos empréstimos ruins.

Logo em seguida, o governo japonês promulgou a nova Lei Bancária em março de 1927, com planos de efetivação em 1 de janeiro de 1928. A lei estipulava exigências mínimas de capital para os bancos e proibia os bancos e os administradores de bancos de conduzir a maioria dos negócios não bancários.

O objetivo desta medida era conter o efeito especulativo das empresas e bancos japoneses e estabelecer uma política prudencial de forma sistemática pela primeira vez, reforçando o exame bancário e encorajando a fusão dos bancos para estabilizar o sistema financeiro como um todo.

O segundo ponto que diz respeito a redução considerável dos bancos comerciais. O motivo repousa no fato de que após a crise em 1927, as fusões e

aquisições se aceleraram. Shizume (2016) afirma que o número de bancos no Japão atingiu o pico em 1901 com 2385, e permaneceu em 2000 até 1921. Embora o número tenha diminuído em 150 para 1927.

Shizume (2016) afirma que as implicações para a política monetária, depois da crise financeira de 1927, a maior parte dos empréstimos do BOJ para o setor privado consistia em empréstimos especiais, embora fossem garantidos pelo governo, os empréstimos estavam protegidos pelo banco central, e dessa maneira o BOJ teve que arcar com a perda de flexibilidade em sua operação de política monetária.

4.1.2.4. - As crises no final da década de 20: a Grande Depressão e a Depressão Showa de 1930-31 e a saída da crise.

Shizume (2009) em um paper apresentado junto ao Banco do Japão separa duas fases críticas da economia japonesa no final do anos 1920: 1) a crise financeira de 1929, que analisamos no item anterior e 2) a Depressão Showa de 1930-31 que foi consequência da Grande Depressão nos EUA e que foi intensificada pela volta do Japão ao Padrão-ouro em 1930.

Takahashi(1955) faz uma correlação positiva entre a crise de 1927 e a Depressão de 1930-31, na medida que as reformas bancárias feitas no pós-1927 ajudaram de certa forma o Japão a sair de crise de 1930-31 mais efetivamente, como podemos ver abaixo:

(...) “ No entanto, o Japão permaneceu imune à crise financeira dos anos 1930, aproveitando os benefícios das mudanças políticas e a desvalorização do iene. Isso poderia ser creditado à reestruturação total do sistema bancário do Japão, na esteira da crise financeira de 1927.”(Takahashi,1955)⁵²

Yamamura(1997) afirma que a economia japonesa continuou crescendo, mesmo a níveis baixos antes de 1929, foi atingida em cheio pela Grande Depressão fazendo com que o gabinete *Minseito* começasse um forte embargo às exportações de ouro na antiga paridade iene-ouro, na qual, desde 1897 o Japão não mudava a

⁵² Tradução minha de Takahashi(1955)

paridade que se mantinha 1 iene = 0,75 gramas de ouro.

Yamamura (1997) afirma que estes dois movimentos da economia japonesa simultaneamente, fez o país mergulhar em uma grave depressão. À medida que as nações avançadas começaram a praticar o protecionismo e a demanda doméstica começou a declinar, as indústrias de ponta, como a químicas, que não eram competitivas pelos padrões internacionais, foram forçadas a reduzir suas forças de trabalho e sofreram com fortes pressões. O setor de mineração, também, confrontado com a concorrência do carvão da Manchúria, demitiu quase 40% de seus trabalhadores. Embora a indústria têxtil de classe mundial do Japão fosse altamente competitiva, muitas empresas registraram perdas.

Shizume (2009) afirma que a Depressão Showa de 1930-31 foi de uma natureza distinta das crises anteriores. Anteriormente, o Japão teve crises de natureza do sistema financeiro nacional. Já a Depressão Showa de 1930-31 teve influência externa - da Grande Depressão dos EUA que trouxe uma deflação, e uma combinação de apreciação do iene.

Quando a Grã-Bretanha anunciou a saída do padrão-ouro em Setembro de 1931, havia uma forte especulação para que o Japão também o fizesse. Assim, houve um movimento em massa para a venda de iene e a compra de dólar levando a uma fuga de capitais consideráveis. O ministro das finanças do Japão afirmou a intenção de se manter na paridade-ouro, e mesmo com aumento nas taxas de desconto para conter a fuga de capitais, o movimento de fuga continuou levando a queda do gabinete Minseito, assumindo o partido Seiyu-kai.

A saída da crise financeira foi a feita pelo ministro indicado pelo Seiyu-kai, o então ministro Takahashi retorna e logo passou a implementar uma série de ajustes de política econômica nos quatro anos seguintes, até fevereiro de 1936, quando foi assassinado por grupos ligados aos militares.

A “política econômica de Takahashi”.⁵³ foi uma política macroeconômica com dimensões cambial, monetária e fiscal. A partir de abril de 1933, o Yokohama Specie Bank, o banco oficial de câmbio do Japão, estabeleceu a cotação da taxa de

⁵³Para entender mais da política econômica de Takahashi e o debate se suas medidas, sugerimos a leitura de Soo(2000) - Did Korekiyo Takahashi Rescue Japan from the Great Depression?

câmbio em libras esterlinas, efetivamente atrelando o iene à libra esterlina. Enquanto isso, câmbio e os controles de capitais no Japão permaneceram brandos até 1936.

Além disso, os gastos fiscais aumentaram, apoiados pelo financiamento do déficit com o crédito do banco central. No começo de Junho, o governo apresentou um projeto de lei para emitir títulos que cobrissem o déficit, juntamente com um orçamento suplementar para gastos com a ação militar na Manchúria e um programa de socorro emergencial nas áreas rurais.

Shizume (2009) afirma então que uma combinação de políticas de estímulo macroeconômico forneceu um modo efetivo de lidar com a depressão mundial dos anos 1930. A depreciação cambial, o estímulo fiscal e as condições monetárias favoráveis ajudaram o Japão a recuperar cedo da Grande Depressão

4.2 - Política nos anos 1920

4.2.1 - A transição para a Era Showa

4.2.1.1 - Introdução

Bix (2005) elaborou uma biografia do imperador Hirohito (1926-89) retrata já nas primeiras páginas um Hirohito, bem diferente das que os livros da historiografia mostram, na qual se faz uma análise mais superficial da atuação inicial do imperador no seu reinado pré-Segunda Guerra Mundial. Bix traz já no seu prefácio uma faceta do imperador Hirohito, da qual compartilhamos - de que seu papel foi claro e decisivo para as ações tomadas no Japão pré-Segunda Guerra Mundial:

“O imperador Showa da minha biografia não era um "monarca constitucional" passivo, mas um participante ativo e essencial nos eventos que se desdobravam nele.”(Bix, 2005)⁵⁴

⁵⁴Para um entendimento mais completo do reinado do imperador *Showa*, sugerimos a leitura de Bix(2005). Entretanto, para fins deste estudo, analisaremos as primeiras ações do imperador Hirohito como regente de seu pai, o imperador Taisho, e os primeiros anos de seu reinado até meados de 1930.

Gordon (2003) ao mesmo tempo destaca que a estrutura política criada pela Constituição Meiji do final do século XIX não fora alterada. Em primeiro lugar, a constituição consagrava o imperador tanto como sagrado quanto soberano: o precioso corpo do imperador era literalmente intocável e havia a necessidade de cuidados especiais para se ter contato com o imperador.

Bix (2005) e Gordon(2003) afirmam que o 1921 foi o ponto inicial para a preparação de Hirohito para se tornar monarca do Império do Japão, data esta em que seu pai, o imperador Taisho fora afastado por motivos de saúde.

4.2.1.2 - Os primeiros anos como regente (1921-26)

4.2.1.2.1 - 1921-26 : As questões externas

Bix (2005) afirma que quando o Hirohito se tornou regente de seu pai em 1921, que estava acometido de problemas de saúde, o governo fez questão de promover sua imagem como um líder "energético, um príncipe imperial robusto, com uma habilidade com as forças militares". Durante sua regência, Hirohito foi submetido a diversas aulas organizado e supervisionado de perto por altos funcionários do Ministério da Casa Imperial, na qual este pode fortalecer suas habilidades, de modo a polir suas virtudes e corrigiu suas deficiências intelectuais e físicas. Bix(2005) afirma que foram encarregados de polir a formação do regente Hirohito, pedagogos de tribunais especiais, almirantes, generais, diplomatas retornando de serviço no exterior.

Bix (2005) destaca que sob a tutela do Ministro da Casa Imperial Makino, Hirohito fez em 1923 uma visita à Taiwan, após quase quatro anos depois que o gabinete de Hara Kei aboliu o sistema de governo colonial pelos militares e colocou as decisões do dia-a-dia nas mãos de um governador-geral civil. Assim, sua visita tinha dois objetivos: 1) lembrar à população taiwanesa e japonesa que vivia em Taiwan que a fonte moral de todas as suas realizações era a casa imperial, agora comandada por ele, 2) reafirmar a posse de Taiwan por parte do Japão, colocando seu próprio selo no legado colonial de Meiji.

Bix (2005) destaca dois grandes acontecimentos que trouxeram incômodo ao recém regente: 1) Em Junho de 1923, o governo descobriu um movimento do Partido Comunista Japonês que pela primeira vez na História do Japão defendeu a

abolição da Império; 2) os diversos acontecimentos de mudanças nos gabinetes - com o assassinato de Hara Kei e do grande terremoto em Kanto.

Ao mesmo tempo, Hirohito enfrentou em 1923 mudanças no campo das relações internacionais, dada as pressões enfrentadas pela Conferência de Washington de 1921-22.

A Conferência de Washington teve como principais objetivos, segundo Goldstein (1994) era restringir a expansão naval japonesa nas águas do Pacífico ocidental, especialmente no que diz respeito à fortificações em ilhas estrategicamente valiosas. Seus objetivos secundários pretendiam, em última instância, limitar a expansão japonesa, mas também aliviar as preocupações sobre o possível antagonismo com a tensão britânica e anglo-americana, revogando a segunda, para chegar a um acordo favorável sobre a capacidade naval em proporção em relação ao Japão e, em terceiro lugar, para que os japoneses oficialmente aceitassem a continuação da Política de Portas Abertas na China.

Bix (2005) afirma que o Japão aceitou as imposições da Conferência e Hirohito ordenou que seus ministros iniciasse uma revisão da política de defesa do Japão. Com o início plano de defesa nacional, o Exército começou a implementar a primeira das três reduções de pessoal que deveria realizar entre 1922 e 1924. Da mesma maneira, a marinha reduziu a construção de navios e começou a dismantelar embarcações antigas para desenvolver uma força aérea de frota moderna e uma força submarina. E em 1923, o gabinete não-partidário do primeiro-ministro Kato iniciou a retirada das tropas japonesas da província de Shantung da China.

Bix(2005) afirma que em maio de 1925, o ministro do Exército Ugaki desativou quatro divisões e usou o capital poupado para começar a modernização e reorganização do Exército, a fim de prepará-lo para uma futura guerra. Como resultado, os gastos militares do Exército e da Marinha como porcentagem do total de gastos anuais do governo diminuíram constantemente ao longo da década.

4.2.1.2.2 - 1921-26 : As questões internas

Bix (2005) relaciona o fato de o Japão ter cedido em relação à Conferência de Washington à intensificação de diversos movimentos militares de contestação.

Vale ressaltar que um pouco antes, já no começo da década de 1920, um pouco após a intervenção na Sibéria, alguns movimentos de insubordinação nos pelotões do Exército.

O ministro do Exército Giichi Tanaka fez a seguinte declaração, na qual achamos pertinente a reprodução, alertando os comandantes da fraca disciplina nos escalões mais baixos:

"nos últimos anos (..) eles se tornaram ousados e rebeldes em suas atitudes, e os atos criminosos aumentaram, especialmente em casos onde os homens formam pequenos grupos e agem violentamente."(Bix, 2005)⁵⁵

Estas circunstâncias trouxeram a tona uma discussão entre os líderes militares de qual papel estes deveriam ter na sociedade japonesa: 1) deveriam continuar sendo forças lideradas pelo imperador e pelo governo ; 2) ou voltar-se para a nação japonesa e se tornar o "Exército do povo". Em meados de 1924, o Exército estava dividido: alguns defendiam a lealdade ao Imperador com medidas mais radicais, como o general Araki⁵⁶, mas alguns defendiam uma reestruturação sem modificações bruscas, como os ministros Tanaka e Ugaki.

Hirohito estava consciente de uma possível crise institucional no Exército e dessa maneira o General Ugaki começou a discursar na Corte sobre a questão da independência do Exército, apesar de a Constituição Meiji em seu artigo 11 afirmar que o *toushiuken*(統帥權)⁵⁷, ou seja, que o imperador possui o poder supremo de comando do Exército e da Marinha.

Em 1925, o ministro do Exército Ugaki garantiu o consentimento de Hirohito para a colocação de oficiais da ativa nas escolas secundárias e universidades do país para fornecer treinamento militar. Este movimento foi impopular com

⁵⁵ Tradução minha de Bix(2005)

⁵⁶ Bix(2005) traz a noção defendida pelo general Araki era o *kogun*, ou seja o Exército do Imperador. O *kogun* seria uma força de trabalhadores e camponeses para a defesa da nação sob a direção do imperador, ao invés de uma "força burguesa" para a defesa do *establishment* dominante.

⁵⁷ Do japonês *toushiuken*. Este conceito voltou a ser usado nos anos 20, e foi uma manobra ideológica resgatada pelos ministros do regente Hirohito para trazer as grandezas dos imperadores anteriores, principalmente do imperador Meiji.

educadores profissionais e logo levou a confrontos entre funcionários civis e militares.

4.2.2 - Política nos anos 1920: da Era Taisho à Showa

4.2.2.1 - A nova monarquia imperial : uma transição de fachada

Com a morte do imperador Taisho em 1926, Hirohito que já estava comandando o Império do Japão como regente, assume como imperador, *de facto*, recebendo o título de imperador Showa(昭和), ou seja "a paz brilhante". Gordon(2003) e outros autores ironizam o nome dado ao príncipe Hirohito, uma vez que em seu longo reinado de 63 anos(1926-89), o Japão se envolveu em uma das mais páginas mais sombrias de sua história, de Pearl Harbor até a destruição de Hiroshima e Nagasaki em 1945.

Para título de explicação, chamamos de "transição de fachada" a passagem do reinado para o imperador Showa. Diferentemente da transição abrupta do reinado do imperador Meiji para o imperador Taisho que trouxe a tona diversas questões sociais e de modernização, nesta transição, o imperador já comandava indiretamente o Império do Japão desde 1921, quando seu pai fora afastado por motivos de saúde, conforme já destacado acima.

Bix(2005) afirma que a partir do momento que o Hirohito se tornou imperador este teve a sua disposição imediata 7 conselheiros que começaram a dar um suporte para o jovem imperador - que se tornou imperador com 25 anos. Destes conselheiros, podemos destacar figuras importantes desde o começo do século, como o ministro Saionji Kinmochi que fora primeiro ministro do avô de Hirohito em 1902-03.

4.2.2.2 - Questões políticas, entronamento e seu reinado até 1932.

Em 1927, o primeiro ministro Wakatsuki Reijiro teve fazer algumas manobras dando a série intervenções políticas do imperador Showa e de sua corte. Bix(2005)

afirma que esta "corte"⁵⁸ era composta de um conjunto privilegiado do núcleo da elite do poder japonês, composto de homens tanto do estrato governante tradicional quanto dos grupos recentemente privilegiados e enriquecidos da Era Meiji. Situado no ápice da pirâmide de classe, poder e riqueza na sociedade japonesa, o grupo da corte representava os interesses de todas as elites dominantes do Japão imperial, incluindo os militares.

O gabinete do ministro Wakatsuki estava enfraquecido após denúncias de escândalos levando a perda da confiança por parte da Dieta. Três meses depois, em 17 de abril de 1927, o gabinete de Wakatsuki entrou em colapso: derrubado por seus oponentes no conselho privado e não na Dieta. A queda de Wakatsuki foi provocada pela oposição dos Conselheiros Privados à política moderada da China do Ministro de Relações Exteriores Shidehara, que teve recusou-se a enviar tropas japonesas para a China após provocações chinesas anteriores contra os japoneses que viviam nos assentamentos do porto do tratado.

Bix(2005) afirma que para Hirohito e o grupo da corte, a renúncia de Wakatsuki forneceu outra oportunidade para desempenhar um papel determinante. Kawai, Chinda, Ichiki e Makino conferiram entre si e depois com Hirohito, e decidiram que o general Tanaka Giichi, presidente do maior partido da Dieta, deve formar o próximo gabinete.

Bix(2005) afirma que Tanaka formou seu gabinete em Abril de 1927 no mesmo período em que o general Chiang Kai-shek estabeleceu seu governo nacionalista Kuomintang em Nanking. Dessa forma, Política externa japonesa a partir deste momento tornou-se mais intervencionista, à medida que a intensificação da guerra civil chinesa aumentava as possibilidades de despachar tropas para proteger vidas e propriedades japonesas na China.

Bix(2005) destaca que a grupo ligado à corte, tendo desempenhado o papel principal na seleção do general Tanaka como primeiro-ministro, tentou agora impor sua própria política agenda e metas para as do novo governo constitucional. Dessa

⁵⁸ Bix(2005) afirma que essa corte não pode ser entendido, no entanto, se for definido apenas em contraste com os militares - como visto por observadores ocidentais na época, e historiadores acadêmicos convencionais desde então. Nem pode ser entendido se discutido à parte da família imperial, particularmente os irmãos mais novos de Hirohito, que freqüentemente interagiram de perto com aqueles no ambiente da corte.

forma, Tanaka foi o primeiro primeiro-ministro a descobrir que um imperador capaz de desempenhar um papel determinante na política poderia tornar a vida absolutamente miserável para o líder de um partido político. Quase desde o momento em que Tanaka se tornou primeiro-ministro, Hirohito e o grupo de corte se interessaram muito pelo seu desempenho e logo se viram em desacordo com a maioria de suas políticas.

Hirohito colocou a ordem na Dieta e assim pode se concentrar nas festividades do *Showa no tairei-shiki*, entronamento oficial, que só ocorreu em 1928. Bix(2005) destaca que em 1928, o Japão entrou na era da publicidade em massa e da cultura de consumo em massa. Por quase três anos, transmissões radiofônicas em todo o país afetaram a opinião pública e os valores. Simbolicamente, a entronização era um exercício de poder em um momento de renovadas atividades militares japonesas na Ásia. Por isso, seu impacto total pode ser melhor compreendido quando relacionado à ascensão da reação política no Japão. Essa reação foi evidenciada pelo envio repetido de tropas do gabinete de Tanaka para a província chinesa de Shantung, e o aumento, a partir de 1928 em diante, no número de funcionários especializados em controle do pensamento.

Bix(2005) avança e afirma que o início do reinado do imperador Showa estava focado em nos assuntos domésticos, apesar do imperador ter muito apreço pelas questões militares e discordar de certa medida com as idéias da alta cúpula do Exército. Os articuladores políticos do imperador Showa tinham o objetivo de restabelecer a figura do imperador Hirohito à imagem de seu avô, o imperador Meiji, uma vez que a década de 1920, seja dentro das universidades⁵⁹, como nos grandes centros liderados pelos profissionais liberais, o desgaste da monarquia e questionamentos ao capitalismo faziam-se presente, e assim, fortalecer a figura do imperador fazia-se imprescindível.

Ao mesmo tempo, em 1928, afirma Bix(2005) as bases para a futura comissão de atrocidades de guerra pelos militares japoneses também estava sendo estabelecida durante esse período. O governo Tanaka não ratificou documentos

⁵⁹ Bix(2005) afirma que o primeiro ministro Tanaka começou uma perseguição à acadêmicos marxistas nas grandes universidades japonesas em 1928. Ao mesmo tempo, um pouco antes, em Fevereiro de 1928, após um série de protestos promovidos pelo Partido Comunista japonês, o ministro Tanaka também ordenou uma série de prisões de membros do partido.

internacionais de utilização de armas químicas e biológicas, ao mesmo tempo que não ratificaram a Convenção de Genebra no que tange a questão dos prisioneiros de guerra. O imperador Showa, ao mesmo tempo, era admirado por seus conselheiros por não ser deixado levar pelas manipulações políticas e administrou com destreza as partes políticas, de modo que quando não se sentia confortável buscou fazer desde imposições contrariando até mesmo juridicamente a Dieta até forçar a demissão do ministro Tanaka e colocando um primeiro ministro que lhe era confiável, como foi com o ministro Hamaguchi.

Bix(2005) afirma que ao mesmo tempo que o imperador Showa foi ímpar em sua condução da política e da relação com os partidos na Dieta. Seus conselheiros mais próximos caracterizaram sua postura como imprudente e pouco tradicional. Hirohito e sua equipe exerceram o poder de uma forma inédita, em que estas ações ajudaram a inflamar o poder, levando todos que estavam insatisfeitos com as condições sociais e com a economia do início do Showa no Japão à reflexões e questionamentos. Quanto mais Hirohito fazia uso de sua autoridade, mais ele ampliava as discórdias entre as elites dominantes.

4.3 - O Império japonês: o incidente na Manchúria

4.3.1 - Introdução: a virada dos anos 20

Beasley (1987) afirma que a crise de 1929 trouxe duas grandes consequências para o imperialismo japonês.

A primeira de cunho econômico pode ser relacionada com o fato de o Japão observar que sair do Tratado do Sistema Portuário seria mais interessante e que a proximidade com a China era mais importante do que segurar ganhos imediatos no norte da Ásia.

A segunda de cunho político traz a discussão da descrença dos japoneses com a modernização. A recessão trouxe a tona questionamentos se os valores que a modernização trouxe, como a subordinação do campo para a cidade, e se haveria a continuidade da demanda do Ocidente com os produtos manufaturados japoneses.

Beasley(1987) destaca na passagem abaixo que o Japão muda de postura com a crise de 1929, passando de uma postura cautelosa para uma postura agressiva que leva ao incidente na Manchúria em 1931:

“O cuidado e a conformidade deixaram de ser as qualidades consideradas apropriadas nas relações do Japão com o mundo exterior. Autonomia e autoconfiança os substituíram. A Manchúria era o lugar onde estes podiam ser mostrados mais prontamente, como o exército deveria demonstrar em setembro de 1931.(Beasley, 1987)⁶⁰

4.3.2 - O nacionalismo e o militarismo

Beasley (1987) faz uma reflexão acerca das origens do nacionalismo e este retorna à 1868 para iniciar uma discussão acerca da união nacional em torno da figura do Imperador e a construção da identidade nacional nas escolas e nas instituições. O nacionalismo assegurou um compromisso com objetivos patrióticos e uma grande medida de apoio às decisões do governo do imperador, contribuiu muito para o surgimento do imperialismo ortodoxo na fase inicial da expansão japonesa.

Beasley (1987) nos aponta duas faces do nacionalismo no Japão: a primeira face seria que o nacionalismo seria uma crítica contemporânea da liderança burguesa dos partidos que comandavam a Dieta. A crítica se voltava para a forma como as lideranças dos anos 1920 viam o projeto ambicioso do período da Restauração, que já não contava com a mesma ambição no exterior e o mesmo tipo de política imperialista que os desenvolvia na era Meiji. A segunda face do nacionalismo era, contraditoriamente, seu cunho revolucionário. Beasley (1987) afirma que se negava a validade de muita coisa que havia sido feita em nome da modernização no passado, e por isso, exigiu-se mais uma vez uma reordenação completa da sociedade, efetuada pela força em nome do imperador, sendo que esta ordenação devia ser feita pelos líderes que seguiam a mesma linha dos que ajudaram na queda da Era Tokugawa, na qual poderiam utilizar de métodos violentos e até de golpes de Estado.

Assim, desta coalizão de ideias revolucionárias, o movimento político dos anos 1930 se constituiu de grupos ultranacionalista, fascista e comunistas, apesar deste reunir diversas facetas políticas e grupos, e não possuir traços de

⁶⁰ Tradução minha de Beasley(1987)

semelhanças diretas com o Nazismo de Hitler e o Fascismo de Mussolini.

O militarismo também começa a se fazer mais presente na vida política dos anos 1930: tentou-se o *coup d'état* em Tóquio por duas vezes. Beasley(1987) destaca que a primeira tentativa ocorreu em 1932, quando oficiais juvenis da estação aérea decidiram atacar locais públicos e figuras políticas, chegando a assassinar o primeiro ministro Tsuyoshi, mas por falta de oportunismo dos generais, que não queriam se comprometer com os atos, o golpe falhou. A segunda tentativa ocorreu em 1936, quando as tropas da Primeira Divisão, agindo sob ordens de seus comandantes de companhia, ocuparam o centro da capital e o mantiveram por três dias.

Assim, os oficiais e militares ponderaram que os requisitos de força militar deveriam ser postos prioritariamente às questões de mudança social. A liderança do Exército, em particular, estava principalmente preocupada com - e dividida sobre - a natureza da guerra moderna e a maneira pela qual o Japão deveria estar preparado para isso.

Sob a liderança do general Ugaki que foi ministro da guerra de 1924 em um primeiro mandato, assumindo novamente no biênio 1929-30, houve a emergência do núcleo dos oficiais que buscaram uma modernização radical no Exército. O ministro da guerra em 1931 quando houve o incidente na Manchúria foi o ministro Minami.

Beasley(1987) destaca que houveram grandes discordâncias com a ação do ministro Minami, na qual foram levantadas as seguintes bandeiras por grupos opositores que tinham o grupo *Kodo-ha* de futuro ministro da guerra Araki Sadao: 1) suas reformas militares ofenderam muitos generais antiquados; 2) porque ele queria se mover cautelosamente no continente até que o Japão chegasse à plena preparação militar 3) porque ele estava mais disposto a restringir do que ajudar os radicais.

A diferença entre o grupo do ministro Minami para o do ministro Araki consiste em algumas peculiaridades e ênfases que cada grupo colocava, apesar de ambos terem um objetivo comum de se criar um Império do Japão poderoso. O *Kodo-ha* enfatizou mais a questão moral e ideológica, na medida que se buscou políticas centradas na figura do imperador, com forte resistência às idéias

comunistas e da cooperação sino-japonesa. Já o grupo do ministro Minami, chamado a "Facção do Controle" queria um Japão melhor organizado para a guerra global, buscando uma reforma militar com controles sobre capital e trabalho, bem como sobre a alocação de matérias-primas, como beneficiaram indústrias estratégicas; uma população civil disciplinada, expansão territorial.

4.3.3 - O incidente na Manchúria e a criação de Manchuko

Beasley (1987) afirma que a posição internacional japonesa mudou radicalmente na virada de 1930 para 1931, dado principalmente a grande queda no comércio internacional que teve consequências consideráveis para as exportações japonesas que tiveram um queda significativas conforme podemos ver abaixo:

Gráfico 6 - Importações em milhões de ienes do Japão

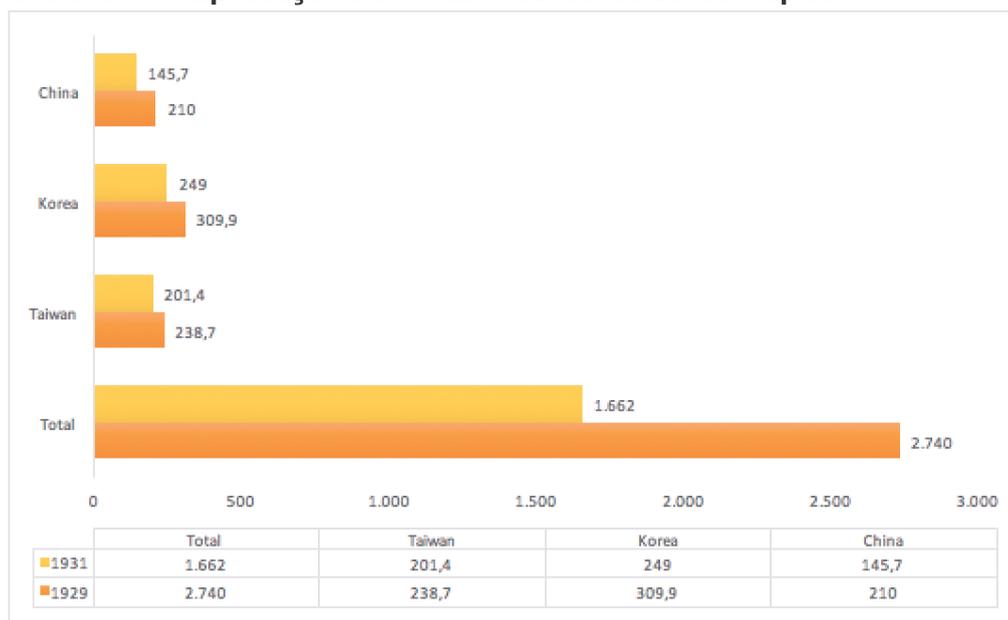


Gráfico 7 - Exportações em milhões de ienes do Japão



Esse choque nas exportações fez com que alguns setores sofressem, e uma mudança na balança política foi o declínio do apoio ao primeiro ministro Shideraha, ao mesmo tempo que, segundo Beasley (1987) a angústia nas comunidades rurais foi refletida em maior atividade por grupos nacionalistas, que alegaram representá-los.

Ao mesmo tempo, havia pressões para a mudança da abordagem das relações externas, principalmente, por conta de que os diplomatas japoneses viam que a dita cooperação entre as potências na China não estava sendo benéfica para o Japão. Em janeiro de 1931, Matsuoka Yosuke⁶¹, um diplomata e depois ministro já na Segunda Guerra Mundial, afirmou que o Japão necessitava criar um bloco de proteção na China, principalmente na Manchúria com o objetivo de "sobreviver".

Este discurso foi ratificado com os números que mostramos acima nos gráficos 2 e 3. A conclusão tirada por alguns membros da Dieta e de alas radicais ligadas ao Exército era simples: se compararmos os números, observa-se claramente que as regiões onde o Japão tinha controle, como Taiwan e Coreia, houve um declínio na balança comercial sim, mas não tão intenso como na China,

⁶¹Matsuoka Yosuke esteve ligado à Manchúria desde o início da década de 1920, quando foi diretor da South Manchurian Railway até 1927. No biênio 1930-31, Matsuoka estava na Dieta representando a província de Yamaguchi, e posteriormente, representou o Japão na Liga das Nações em 1933, quando ficou conhecido por retirar o Japão da Liga.

em que se observa uma queda quase que de 50%. Logo, a Manchúria e regiões adjacentes seriam a salvação econômica do Japão no pós-crise de 29, e para isso, necessita-se de uma transferência de um status de "região com interesses especiais para um certo hall de sobrevivência nacional, ou seja, parte do Império.

Ao mesmo tempo reforçou o viés mais radical as medidas que emergiram do London Naval Treaty de 1930 que colocariam alguns limites a navios de guerra, na qual alguns setores do Exército consideravam estas medidas uma afronta a soberania nacional, de modo, que apenas o alto escalão ligado ao Imperador que teriam a "competência" para decidir sobre estas matérias.

Pessoas ligadas à Matsuoka, além dele próprio, dada sua experiência nas colônias ligadas ao Império do Japão, concluíram que, dado um movimento contrário à presença japonesa, liderada pelo Kuomintang de Chiang Kai-Chek, que a década de 1930 teria que ter uma mudança na postura japonesa frente à Manchúria, com o objetivo de reverter o quadro que queda dos lucros das empresas japonesas em terras chinesas, além da queda das exportações e importações, como relata Beasley(1987) abaixo:

"Esses fatos levaram muitos japoneses a concluir, não apenas que houve um ataque chinês combinado aos privilégios do Japão na Manchúria, mas também que poderia ter sucesso."(Beasley, 1987)⁶²

O Exército Kwantung liderado por Ishikawa tinha a concepção, segundo Beasley (1987) de que o Japão não podia arriscar perder o domínio sobre a região, uma vez que isso representaria uma ameaça à fronteira coreana e privaria os recursos alimentares e industriais do Japão na Manchúria em sua luta contra as potências ocidentais.

Assim, no final do verão de 1931, começaram as discussões acerca de como seria feita a entrada na Manchúria, Como o Exército Kwantung estava em grande desvantagem e não estava particularmente bem equipado, um elemento de surpresa foi considerado essencial para o sucesso, que viria se materializar no incidente em Mukden, que abriu as portas para a invasão da Manchúria. Isso foi

⁶²Tradução minha de Beasley(1987).

interpretado como a necessidade de uma ocupação noturna de pontos-chave no sul, desencadeada por um incidente manufaturado na ferrovia, a ser seguida por uma rápida extensão das operações para outras partes da Manchúria. Durante o verão de 1931, o planejamento foi realizado com base nessas premissas. Logo após os eventos em Mukden, houveram ordens para reforço de 10 mil homens do Exército Kwantung, dado que os líderes japoneses temiam uma represália da União Soviética.

Beasley(1987) destaca que o Ministério da Guerra e o Estado-Maior da Guerra tinham um controle frágil sobre o Exército Kwantung, e assim, o gabinete do então primeiro ministro Wakatsuki tinha menos forças militares como um todo, sinalizando o descolamento do Exército e do gabinete do Primeiro Ministro. Com a renúncia do ministro Wakatsuki em dezembro, dado seu claro descontamento em invadir a soberania chinesa e ferir o tratado de portas abertas da Manchúria, o novo ministro Inukai Tsuyoshi era visto como uma para ser pessoalmente a favor de compromisso, mas seu ministro da Guerra, Araki Sadao, não fez segredo de seu próprio entusiasmo pelo estabelecimento japonês na Manchúria. Então Inukai tinha pouca escolha a não ser estar de acordo com Araki, e assim em março de 1932 ele permitiram que a Manchúria se tornasse um estado independente sob o nome de Manchukuo.⁶³

5. Conclusão

Constatamos por meio da combinação de autores da academia norte-americana e japonesa que o Japão se inseriu no cenário internacional e buscou por meio de suas intervenções e sua projeção na geopolítica internacional obter ganhos econômicos em curto espaço de tempo. A forma como o Japão emergiu no cenário internacional, se comparado com as potências europeias e mesmo o Estados Unidos, pode ser considerado como ímpar, dado que se compararmos o Japão em 1867, um ano antes da Revolução Meiji com o Japão nos

63

Manchuko foi o nome fantasma dado pelo Império do Japão para o Estado fantoche criado na Manchúria em 1932.

anos 1920. além do fato de que inicialmente seu caráter da busca da segurança nacional foi um gatilho para que outros interesses se fizessem incluídos neste plano de preservação nacional.

Ao percorrermos o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, observamos a relevância do caráter influenciador das decisões do *policymakers* do Japão nos rumos da economia internacional do pré-Segunda Guerra Mundial (1939-45). Reiteramos durante o texto a necessidade de uma abordagem crítica dos interesses do capital japonês frente as colônias, principalmente Taiwan, Coréia e a Manchúria e como se articularam os objetivos econômicos.

O foco na articulação dos interesses imediatos japoneses, de mercado consumidor, matérias-primas, e expansão dos investimentos nas colônias mostram o caráter agressivo do imperialismo japonês, que tinham muito bem planejado onde queriam chegar e como fariam isso. Vale destacar que o Japão também se utilizou de estratégias pontuais que foram tomadas de acordo com as circunstâncias da condição mundial, como a que levou a economia japonesa ao *boom* exportador nos anos 1910, tornando-a a economia provedora de suprimentos para as principais nações beligerantes da Primeira Guerra Mundial (1914-18), juntamente como os Estados Unidos.

Dentre as diversas estratégias de longo prazo, podemos citar que o Japão desde o final do século XIX articulou sua influência frente à Coréia. Beasley (1987) afirma que o ministro Aritomo Yamagata, desde a década de 1880-90 já ressaltava que a necessidade da criação do “cordão da segurança” juntamente com a expansão comercial para a Ásia e o ponto de partida seria a Coréia. Para isso, o Império do Japão enfrentou grandes potências como o império Qing, derrotando-os na Primeira Guerra Sino-Japonesa (1894-95), e assim, solidificaram redes de comércio, com a importação de produtos primários da Coréia e a exportação de manufaturados e capitais financeiros, principalmente empréstimos para empreendimentos voltados para infraestrutura.

Assim, observamos com Duus (1968) que mostra que as preocupações que assolavam os oligarcas da Era Meiji foram resolvidas e o Japão na passagem para

a Era Taisho era um país inserido no cenário internacional, com sua modernização completa e em fase avançada na urbanização.

Na Era Meiji, dado a série de questões que assolavam a soberania nacional, a preocupação primordial dos oligarcas era criar uma base de riqueza e força nacional que permitiriam ao Japão se estabelecer como um parceiro igualitário dos ocidentais na comunidade internacional”.⁶⁴ Na Era Taisho, no entanto, o Japão se tornou uma grande potência, e as questões domésticas se tornaram mais prioritárias, na visão de Duus (1968) do que os problemas estrangeiros. O país estava começando a sentir os deslocamentos sociais e políticos criados por sua revolução industrial.

Ao mesmo tempo, podemos colocar a Manchúria como um dos objetivos máximos do Japão imperialista. Duus (1995) destaca em muitas passagens, quando este explora o interesse japonês na Coreia, que ao mesmo tempo o Japão olhava a Manchúria como um próximo passo, na medida que os investimentos em infraestrutura e os auxílios para a criação do Banco da Coreia poderia ser vista como uma forma de se aproximar da Manchúria, intensificada com a instalação de empresas japonesas na Coreia que tinham o objetivo de ramificar seus investimentos, como foi o caso da *South Manchuria Railway* em 1905-06 e o aumento da participação das empresas japonesas na Manchúria nos anos 1910 e 1920.

60 anos e três Eras: muita transformação com uma inserção no cenário internacional diferenciada, a base da violência, influencia coercitiva – como no caso da Coreia, Taiwan e Manchúria, levou o Japão de um país com status mediocre no começo da metade do século XIX para um país que fora protagonista da maior guerra de todos os tempos.

6. Referências Bibliográficas

ALLEN, G.C - **Japan's Economic Policy**, 1980.

BEASLEY, William - **Japanese Imperialism 1894 –1945**, Oxford: Oxford University

⁶⁴ Tradução de Duus(1968)

Press, 1987.

BENSON, John, MATSUMURA, Takao - Japan, 1868-1945: From Isolation to Occupation. Harlow: Longman, 2001

CHUNG, Young-lob - **Korea under siege, 1876- 1945: Capital formation and economic transformation**, Oxford University Press, 2006.

DUUS, Peter - **The abacus and the sword : the Japanese penetration of Korea, 1895-1910** , University of California Press, 1995.

_____ **"Economic Dimensions of Meiji Imperialism: The Case of Korea, 1895-1910."** In Myers, Ramon H. and Mark R. Peattie, eds., *The Japanese Colonial Empire, 1895- 1945*, pp. 128- 171. Princeton: Princeton University Press.

GORDON, Andrew - **"A Modern History of Japan: From Tokugawa Times to the Present."** New York: Oxford University Press, 2004

GORDON, Bill - **"Explanations of Japan's Imperialistic Expansion, 1894-1910"**, 2003.

Goldstein, Erik. **The Washington Conference, 1921-22: Naval Rivalry**, East Asian Stability and the Road to Pearl Harbor (1994)

Harootunian, G - **Japan in Crisis: Essays on Taishō Democracy**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1974

HO, Samuel Pao-san - **"Colonialism and development: Korea, Taiwan, and Kwantung "** , 1984

HSU, Immanuel C.Y. - **"The Rise of Modern China"** - New York: Oxford University Press, 2000

HOWE, Christopher - **The origins of Japanese trade supremacy : development and technology in Asia from 1540 to the Pacific War**, Hurst & Company, London, 1996.

INOUE, Junnosuke (1935), *Collections of Writings of Inoue Junnosuke* (in Japanese).

ISHII, Kanji, HARA, Akira, TAKEDA, Haruhito - - ***Nihon keizai shi 4 (Socio Economic History of Modern Japan 4 : War and Occupation)*** - Tokyo: University of Tokyo Press, 2007.

ISHII, Kanji - **"*teikokushugi nihon no taikai senryaku*"(*As estratégias externas do imperialismo do Japão*)** - Nagoya: Nagoya University Press, 2012

SHIZUME, Masato - **The Japanese Economy during the Interwar Period: Instability in the Financial System and the Impact of World Depression**, Bank of Japan Review, 2009.

_____ - **Financial Crises and the Central Bank: Lessons from Japan during the 1920s**- Working paper, Waseda University, Tokyo, 2016.

Takahashi, Kamekichi - **Taisho Showa Zaikai Hendou Shi (A History of Economic Fluctuations during Taisho and Showa Eras)**, vol.2, Toyo Keizai Shinposha, Tokyo, 1955;

TAMAKI, Norio - **Japanese Banking - A History, 1859-1959** Cambridge University Press, 1995.

-